



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL (POSMEX)

Mulher além da Maré

Um diálogo cinematográfico entre pesquisa ação, violência e desenvolvimento local vivenciados por pescadoras artesanais do município de Itapissuma (PE)

Autora: Silvana Marques Porto Araújo

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão

Recife – Pernambuco

Março 2010

Mulher além da Maré

Um diálogo cinematográfico entre pesquisa ação, violência e desenvolvimento local vivenciados por pescadoras artesanais do município de Itapissuma (PE)

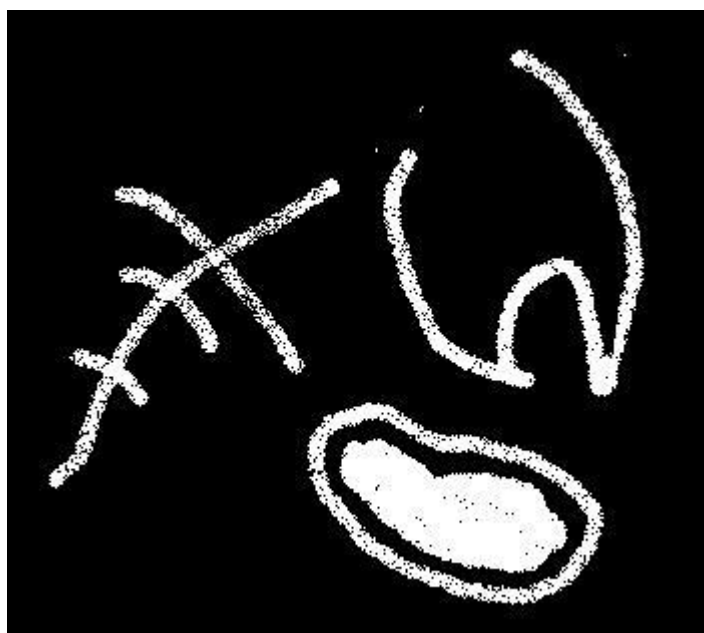


Figura 1 – Peixe, ostra e siri

Silvana Marques Porto Araújo

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL (POSMEX)**

Mulher além da Maré

Um diálogo cinematográfico entre pesquisa ação, violência e desenvolvimento local vivenciados por pescadoras artesanais do município de Itapissuma (PE)

Dissertação apresentada por Silvana Marques Porto Araújo ao programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre sob a orientação da professora doutora Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão.

Recife – Pernambuco

Março 2010

Silvana Marques Porto Araújo

Mulher além da Maré

Um diálogo cinematográfico entre pesquisa ação, violência e desenvolvimento local vivenciados por pescadoras artesanais do município de Itapissuma (PE)

Dissertação apresentada por Silvana Marques Porto Araújo ao programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre sob a orientação da professora doutora Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão – Posmex | UFRPE

Profa. Dra. Maria Salett Tauk Santos – Posmex | UFRPE

Profa. Dra. Aline Grego – Unicap

Prof. Dr. Cláudio Roberto de Araújo Bezerra - Unicap

Recife - Pernambuco
Março 2010

**Dedico este trabalho
aos meus amores cinematográficos
Família Marpoara (Afonso, Aime, Afonso Filho e Vovó Aparecida)
& Bernardo Queiroz**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a essa força superior que me acompanha
Meus anjos, rezas, incensos, “São Gonçalo”...
... e tudo mais que acredito me auxiliar na fé e nos bons sentimentos;

À minha linda Mãe pelo apoio e carinho de sempre;
Ao meu Pai pelo incentivo e a vontade de querer vencer;
Ao meu irmão pelo companheirismo e por facilitar muito a minha vida;

A Bernardo pelo amor, pelas críticas construtivas e as várias horas de edição
E ainda a Lucci, meus biscoitos e as latinhas de Red Bull

Aos meus amigos Flávia Melo, Carlos Autran, Nalba Diniz, Silvana Oliveira, Diego Rocha,
Ute Rasp, Demian Benevides, Alejandro Benitez, Prof. Ivan, Luiz Gonzaga de Oliveira,
Ariane Costa, Aldo Villela, Eden Pereira e todos da Rádio CBN Recife.

Aos alunos dos cursos de Cinema Digital e Jornalismo (Faculdade Mauricio de Nassau),
Alunos do curso de Economia Doméstica (UFRPE), A Colônia de Pescadoras Z-10
(Itapissuma-PE), Professora Kelly Costa e os alunos da Escola Eurídice Cadaval (Itapissuma-
PE), Severino Bill (Pastoral dos Pescadores de Pernambuco), Ana Luiza Spinelli (Ministério
da Pesca), Cao Volia (Prefeito Itapissuma-PE), Livraria Cultura Recife, UCI Cinemas,
Tarcisio Quinamo, Betânia Paiva, alunos e toda a equipe do SENAC Recife.

À minha eterna professora Aline Grego, por ter me direcionado a UFRPE
À querida professora Salett Tauk por acreditar nesse projeto
Aos queridos mestres: Ângelo Brás Callou, Paulo de Jesus e Alexandre Figueiroa
À banca de qualificação que tanto auxiliou para o direcionamento dessa pesquisa

À minha orientadora Maria do Rosário Andrade Leitão pela compreensão e parceria
Aos meus colegas de mestrado e amigos Gilmar Furtado e Ana Cristina Almeida
A todos os colegas da turma 2008 (Posmex-UFRPE) e também a Márcia e Nádia

Ao Projeto Casadinho;

Ao Edital Enfrentamento da Violência contra as Mulheres – 003/2008, aprovado pela Capes;

Ao Programa Promotoras Legais Populares;

Agradecimentos mais do que especiais a Joana, Maria e Cícera.

“O cineasta não deve fazer só filme, ele deve se interrogar sobre a sociedade em que vive.”
(Jean-Jacques Beineix)

"Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia. Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo toda a vida." **(Lao Tsé)**

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo, revelar as especificidades do conflito de gênero e violência no contexto da pesca artesanal. Assim como documentar – por meio de produção audiovisual - a história de vida de três mulheres – um cotidiano marcado por situações de extremas carências sociais e de esplêndida beleza natural. A metodologia utilizada foi a pesquisa ação que possibilitou a realização de uma experiência audiovisual com a comunidade de pesca do município de Itapissuma – litoral norte de Pernambuco, Brasil – onde a questão das diversas violências praticadas contra as mulheres (física, referentes à saúde e invisibilidade social) é apontada como um dos principais fatores de opressão social. Assim, através da produção de vídeos documentários realizados pelas próprias pescadoras da colônia Z-10, os relatos e experiências dessas mulheres se apresentam no contexto das histórias de vida de três personagens: Joana, Maria e Cícera que são mulheres além da maré. Em síntese, a proposta aqui desenvolvida caminha na direção de que as pescadoras de Itapissuma se apropriem desses mecanismos de tecnologias, por meio das oficinas e atividades de extensão propostas nesta pesquisa ação, e tornem-se autoras na construção desse conhecimento sobre o ofício da pesca e os interesses dessa comunidade quando se trata de retratar os problemas vivenciados no seu dia a dia. A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2008 a fevereiro de 2010, totalizando mais de 40 horas de filmagem num trabalho que inclui dados qualitativos e quantitativos sobre a violência contra a mulher em Itapissuma. A análise exigiu fundamentação teórica no que diz respeito às seguintes temáticas: Gênero: Álvares, Leitão, Mendéz, Rosaldo e Teles; Violência: Foucault e Strey; Atividade Pesqueira: Callou e Tauk Santos; Pesquisa Ação: Dionne, Richardson e Thiollent; Produção Audiovisual: Bernardet, Deleuze, Metz, Turner e Xavier. Entre os resultados da pesquisa destacam-se: 1) A utilização da pesquisa ação para identificar questões de gênero e violência; 2) A aplicação da prática audiovisual para abordar questões naturalizadas como gênero e violência, de difícil visibilidade, geralmente negada pela sociedade; 3) Se constitui numa documentação inédita do tema abordado.

PALAVRAS CHAVE : Gênero, Violência, Pesca, Pesquisa Ação e Audiovisual

ABSTRACT

This research aims to reveal the specifics and violences of the gender conflicts on the context of artisanal fishing, as well as register - through audiovisual production, the life story of three women. A lifestyle marked by an extreme social need and splendid natural beauty. The methodology used was the research-action, which allowed the production of an audiovisual experience on the fishing community of the town of Itapissuma (on the northern shores of Pernambuco, Brazil) where the matter of various kinds of violence perpetrated against women (physical, health related and social invisibility) is shown as one of the greater factors on social oppression. Thus, through the production of documentaries made by those women-fishermen themselves, on the Z-10 colony, their experiences and tales are shown in the life of three characters: Joana, Maria and Cícera. All are women beyond the tide. In synthesis, our proposition leads to the notion that the female fishermen of Itapissuma may take possession of those technologies and techniques, through extension activities proposed by this particular research-action, and became authors on the construction of this knowledge about the fishing craft and the interests of this community when the day-to-day problems and issues may need to be represented. The research period happened between August of 2008 to February 2009, gathering over 40 hours of footage added with qualitative data about women-related violence in Itapissuma. The subsequent analysis required theoretical backup about the following themes:

Gender: Álvares, Leitão, Mendez, Rosaldo and Teles;

Fishing Activities : Callou and Tauk Santos

Action-Research: Dione, Richardson and Thiollent

Audiovisual Production: Bernardette, Deleuze, Metz, Turner and Xavier

On the Research results, the following points could be highlighted:

- 1) The use of Action-Research to identify questions about violence and gender
- 2) The applications of audiovisual media to approach questions about gender and violence, which are difficult to visualize because society, mostly denies its existence.
- 3) It is a yet-to-be seen documentation of the approached themes

KEYWORDS: Gender, Violence, Fishing and Audiovisual

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1	
O Argumento - Gênero, Violência e Extensão Pesqueira através do programa das Promotoras Legais.....	19
O Roteiro – Produção Audiovisual e o Cinema como ferramenta.....	44
Capítulo 2	
O Cenário - Contextos sobre o nordeste, Itapissuma e a colônia Z-10.....	52
As Personagens - Mulheres, Pescadoras, Cineastas e Outros Personagens.....	57
Capítulo 3	
A Produção – A metodologia da pesquisa-ação e os questionários do Programa Promotoras Legais.....	63
A Direção - As pescadoras se transformam em cineastas.....	72
Capítulo 4	
Diário de Filmagem.....	77
A Edição – Resultados da pesquisa, conclusões e desdobramentos.....	83
REFERENCIAS - Luz, Câmera, Ação -.....	91
ANEXOS.....	95

Lista de Figuras

Figura 01 – Arte: Peixe, Ostra e Siri.....	02
Figura 02 – Irmã Nilza com Joana,Mira e Mônica na colônia Z-10.....	27
Figura 03 – Grupo Promotoras Legais Itapissuma com Profa. Regina Célia.....	42
Figura 04 – Tela: O Pescador, de Tarsila do Amaral.....	51
Figura 05 – Nomes de mulheres nas baiteiras, na beira do canal de Santa Cruz.....	57
Figura 6 a 10 – Tabelas de dados resultado dos questionários Promotoras Legais.....	65 a 70
Figura 11 – Joana Mousinho com câmera na mão	72
Figura 12 – Cena do Filme: Nazaré, Praia dos Pescadores.....	75
Figura 13- Silvana Marpoara filmando Joana Mousinho.....	82

INTRODUÇÃO

A pesquisa “**Mulher além da Maré**”, um recorte do projeto *Violência de Gênero, Empoderamento, Cidadania: Estratégias de Comunicação das Promotoras Legais Populares para as Pescadoras Artesanais de Itapissuma*¹ tem como objeto de estudo as mulheres pescadoras do município de Itapissuma, litoral norte do estado de Pernambuco, e o problema das diversas modalidades de violências praticadas contra elas, como: a violência física, a que se refere à saúde e também a da invisibilidade social. Nesta perspectiva, vamos utilizar os recursos audiovisuais – em especial o vídeo – como ferramenta de investigação através da metodologia da pesquisa-ação².

Essa é uma proposta de pesquisa realizada pela mestranda/jornalista Silvana Marpoara e orientada pela profa. Dra. Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão, cujo Núcleo de Pesquisa³ vem desenvolvendo estudos relacionados às questões de gênero na pesca artesanal. Sendo assim, torna-se de grande relevância estudos que visem aprofundar o conhecimento sobre mulheres na atividade pesqueira, principalmente, aliados aos recursos audiovisuais, atividade até então inéditos. Segundo Leitão (2008) esse é um tema ainda pouco explorado no mundo acadêmico. Nessa profissão, a relação entre homens e mulheres reproduz o que ocorre no resto da sociedade: apesar de desenvolverem atividades relacionadas à pesca, as mulheres não têm o seu trabalho suficientemente valorizado. Por conta disso, muitas vezes, elas próprias não conseguem perceber a importância da sua contribuição no processo produtivo.

Justificamos o porquê do nosso estudo focalizar as mulheres, o universo da pesca e os problemas relacionados com a violência. Nossa aproximação com a temática da investigação aconteceu por meio de contato com a colônia de pescadores da cidade de Itapissuma, a Z-10,

¹ Pesquisa aprovada pela CAPES no EDITAL Enfrentamento da Violência contra as Mulheres 003/ 2008.

² Metodologia de pesquisa amplamente estudada por Michel Thiollent, francês que está no Brasil há mais de 30 anos, é doutor em sociologia e economia, Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e suas áreas de estudos abrangem desenvolvimento local, extensão universitária, sistemas agroindustriais, inovação tecnológica e organizacional

³ Desenvolvimento e Sociedade – CNPq desde 2001 – cujas linhas de pesquisa envolvem: Pesca e Gênero; Gênero e Diversidade na Escola; Extensão Rural e Desenvolvimento Local; Análise Iconográfica e de Discurso; Políticas e estratégias de Comunicação.

em atividades do POSMEX. Neste município, aproximadamente 70% da população vive da pesca artesanal. Neste contexto descobrimos a violência como um dos temas de maior preocupação da comunidade e das autoridades locais.

Conforme dados oficiais, cerca de 60% dos trabalhadores da pesca, na região, são mulheres (IBGE, 2000), o que demonstra uma tendência contemporânea no que diz respeito a esse universo – tradicionalmente masculino - onde as mulheres, até então, não tinham oportunidade de atuar profissionalmente. No entanto, há cerca de 20 anos, são as mulheres que estão no comando das atividades administrativas da Colônia Z-10, exercendo assim um importante papel – enquanto atores sociais – para o desenvolvimento local. Entre essas mulheres escolhemos três personagens que vão nos ajudar a conduzir essa história: Joana, Maria e Cícera – cada uma vítima de um tipo de violência, que são mulheres além da maré.

Neste contexto, o objetivo da pesquisa consiste em revelar as especificidades do conflito de gênero e violência na pesca artesanal, assim como documentar – por meio de produção audiovisual - a história de vida de três mulheres – um cotidiano marcado por situações de extremas carências sociais e de extrema beleza natural. A metodologia utilizada, a pesquisa ação, possibilitou a realização de uma experiência audiovisual com a comunidade de pesca do município de Itapissuma, onde a questão das diversas violências praticadas contra as mulheres (física, referentes à saúde e invisibilidade social) é apontada como um dos principais fatores de opressão social. Assim, através da produção de vídeos documentários realizados pelas próprias pescadoras da colônia Z-10, os relatos e experiências das três mulheres se apresentam no contexto das histórias de vida destas personagens.

Em síntese, a proposta aqui desenvolvida caminha na direção de que as pescadoras de Itapissuma se apropriem desses mecanismos de tecnologias, por meio das oficinas e atividades propostas nesta pesquisa ação, e tornem-se autoras na construção desse conhecimento sobre o ofício da pesca e os interesses dessa comunidade quando se trata de retratar os problemas vivenciados no seu dia a dia.

Os registros oficiais⁴ revelam que a maioria das mulheres da pesca, do município de Itapissuma, já vivenciaram situações de violência, o que pode ser constatado nos 500

⁴ Aqui em Pernambuco a dissertação *Violência Contra a Mulher: Um Assunto Bem Familiar*, defendida por Danielle Ferreira de Sant'Anna e orientada pela Profa. Dra. Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão, chega a conclusão que entre os crimes passionais mais de 70% dos casos registrados em 2008 os motivos são ciúme, honra e sentimento de posse, informações coletadas em jornais, no PE Body Count (Contador de homicídios no estado) e no Observatório da Violência

questionários respondidos por elas no programa das Promotoras Legais⁵. E certamente essa é uma realidade muito constante no dia a dia dessas mulheres que acabam se calando diante dessas violações e, possivelmente, poderão, através do recurso audiovisual, de forma lúdica dar voz a essa problemática.

Podemos compreender por violência não só o comportamento agressivo – muitas vezes praticado pelos companheiros dessas mulheres - como surras e estupro, assim como as violências mudas que tanto atingem as pescadoras (as doenças provenientes da atividade pesqueira, por exemplo) e a invisibilidade perante a sociedade (como o não reconhecimento da atividade profissional e a falta de acesso à educação). Nessa pesquisa estaremos abordando essas questões sob o ponto de vista das nossas personagens que relataram sua experiência de vida no que se refere aos diversos aspectos da violência.

E é por meio da utilização do recurso audiovisual, e da apropriação do suporte vídeo, que pretendemos abordar as questões da violência como um todo através da perspectiva das próprias pescadoras na tentativa da re-construção do seu ambiente social.

No processo da pesquisa tivemos que responder ao seguinte questionamento: como utilizar o produto audiovisual como ferramenta de registro dos anseios e necessidades dessas agentes sociais dentro de um contexto rural como a pesca artesanal?

Nesta trajetória de pesquisa ação, rompemos com a perspectiva apresentada por alguns autores, como o historiador Wagner Pereira⁶, sobre o uso do cinema como instrumento pedagógico doutrinário ou de propaganda (como o cinema produzido durante o nazismo, por exemplo). Atualmente a idéia de um cinema direcionado aos interesses do espectador – com um encaminhamento educativo e de formação - é o que há de mais interessante no campo da pesquisa e defendido pelos novos autores como Edgar de Assis Carvalho (2008) que em *Brasil em Tela*, aborda questões primordiais sobre cinema, educação e sociedade. Assim como acreditamos desenvolver através desta pesquisa com as pescadoras.

Segundo Marc Ferro (1992) o cinema educativo e o cinema científico ocupam um lugar privilegiado no programa cultural e o documento-cinema são considerados igualmente como essenciais. Pensando nisso, no decorrer da pesquisa, observou-se que o fenômeno da violência

⁵ Projeto realizado pela Secretaria de Ação Social do estado de Pernambuco, no ano de 2008, através de oficinas de capacitação e entrevista com mais de 500 pescadoras de Itapissuma, modelo de questionários em anexo.

⁶ Wagner Pereira. *Guerra das Imagens: Cinema e Política nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933 - 1945)*, Dissertação de mestrado orientada pela Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato - USP, 2003

física, social e de saúde - praticado contra as pescadoras de Itapissuma - era tema frequente e de grande preocupação e interesse dessas mulheres e por isso a idéia de transformar o tema em documentários produzidos pelas próprias pescadoras.

Considerando que violência e vídeo no universo das mulheres constitui-se em nosso objeto de estudo, vale ressaltar que a violência constitui-se em uma das principais formas de violação dos direitos humanos. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos⁷, no seu artigo III, toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Mais adiante no artigo V, afirma-se que ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante. Porém, nenhum artigo (especificamente) trata da violência contra a mulher. Apenas a partir de 1993 com a Declaração sobre a Eliminação da Violência Contra a Mulher, que a violência contra a mulher foi reconhecida como uma violação dos direitos humanos.

A análise exigiu fundamentação teórica no que diz respeito às seguintes temáticas: Gênero: Álvares, Leitão, Mendéz, Rosaldo e Teles; Violência: Foucault e Strey; Atividade Pesqueira: Callou e Tauk Santos; Pesquisa Ação: Dionne, Richardson e Thiollent; Produção Audiovisual: Bernardet, Deleuze, Metz, Turner e Xavier.

Justificamos a escolha da metodologia desta pesquisa fundamentar-se na pesquisa ação, considerando que no processo, aqui desenvolvido, de construir e relatar histórias das mulheres pescadoras eram adequados os procedimentos definidos Kemmis e McTaggart (1988) onde pesquisa ação envolve planejar, observar, agir e refletir de maneira mais consciente, mais sistemática e mais rigorosa do que fazemos na nossa experiência diária. Por esta razão, optamos por esta metodologia por considerar a eficácia da pesquisa ação junto às atividades desenvolvidas em comunidades, nesse caso a comunidade de pesca do município de Itapissuma

A metodologia utilizada - pesquisa ação - visa produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa) e por isso as possibilidades de uso dessa metodologia em comunidades se constitui numa grande estratégia de aproximação entre os diferentes atores sociais. A viabilidade de êxito na pesquisa em comunidades pesqueiras, onde historicamente foi desenvolvido um significativo nível de descrédito na relação dos pescadores com pesquisadores, instituições e políticas públicas, se deve ao fato de que esta metodologia possibilita aproximar

⁷ A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um dos documentos básicos das Nações Unidas e foi assinada em 1948. Nela, são enumerados os direitos que todos os seres humanos possuem. (documento em anexo)

conhecimento científico e senso comum. Por isso consideramos relevante nesta pesquisa a metodologia que define o lugar do pesquisador não apenas como observador, mas em interação com os fatos e as pessoas, ele não se constitui num agente neutro, distanciado dos outros sujeitos sociais. Durante todo o processo de pesquisa, além das atividades inerentes ao desenvolvimento da mesma, mantivemos também constante relação com a comunidade de pesca, em especial com as mulheres, o que diferencia o desenvolvimento desse trabalho.

No entanto vale ressaltar que a pesquisa ação ainda é uma metodologia muitas vezes questionada, que ainda não possui uma tradição acadêmica cristalizada, por isso, é avaliada por alguns pesquisadores convencionais, como uma atividade que pode apresentar menor rigor científico. Porém, segundo Dick (1997) existem situações reais em que a pesquisa ação pode lidar com determinadas dificuldades bem melhor que outras formas de metodologias tradicionais. No caso de Itapissuma houve, no início, uma certa resistência das pescadoras para relatar suas histórias. Principalmente porque a nossa abordagem trazia a tona questões difíceis de interagir, por exemplo: as diversas violências praticadas contra elas.

Com base nesses princípios é que foi gerada a proposta e todo o desenvolvimento desta pesquisa. A partir da elaboração de entrevistas prévias e semi estruturadas, com as pescadoras de Itapissuma, cujo propósito era criar elos entre os pesquisadores e os personagens na produção de histórias de interesse coletivo, uma importante etapa no processo de coleta de dados. Foram realizadas também oficinas de audiovisual e o acompanhamento de diversas atividades do dia a dia das entrevistadas para que elas participassem da inclusão de uma produção midiática, não apenas como consumidoras (visto que assistem filmes), mas também como produtoras de imagens.

A cultura foi redefinida, segundo Turner, como o processo que constrói o modo de vida de uma sociedade. O cinema, a TV e a publicidade tornaram-se assim os principais alvos de pesquisa e análise. Tornou-se necessário investigar mais de perto o próprio cinema como um meio específico de produzir e reproduzir significação cultural. (TURNER, 1988).

A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2008 a fevereiro de 2010, totalizando mais de 40 horas de filmagem num trabalho que inclui dados qualitativos e quantitativos sobre a violência contra a mulher em Itapissuma.

E assim desenvolveu-se “**Mulher além da Maré**”, projeto de pesquisa que alia violência, vídeo e pesca, fazendo alusão a uma celebre frase do cineasta Glauber Rocha⁸, que acreditava ser possível fazer cinema apenas com uma câmera na mão e uma boa idéia na cabeça. Segundo Bernadet (1980), essa era a proposta defendida pelo chamado cinema novo (inspirado no movimento francês “*Nouvelle Vague*”), que tinha em Glauber um de seus mais fervorosos representantes que vinha contra a ideia de cinema-indústria, concentrando-se principalmente na temática rural.

A pesquisa integra o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que juntamente com as Universidades Federais de Santa Catarina, Santa Maria (RS), Viçosa (MG), do Pará, além das Universidades Estaduais de Campinas (SP) e do Mato Grosso, formam o grupo de instituições que dedicam estudos e pesquisas em torno da extensão rural no Brasil e se encaixa na linha de investigação: políticas e estratégia de comunicação (visto que aqui são contempladas as culturas populares e suas diferentes manifestações, como as comunidades pesqueiras, assim como o impacto da tecnologia da comunicação – nesse caso o audiovisual).

Vale lembrar que essa pesquisa contou com importantes apoios: A Capes que contemplou o Núcleo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade com uma bolsa através do projeto VIOLÊNCIA DE GÊNERO, EMPODERAMENTO, CIDADANIA: ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DAS PROMOTORAS LEGAIS POPULARES PARA AS PESCADORAS ARTESANAIS DE ITAPISSUMA⁹, que nos proporcionou recursos para o desenvolvimento da pesquisa e realização dos vídeos; O projeto Casadinho¹⁰, do programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que me inseriu no tema de pesquisa com a pesca artesanal.

Este documento está estruturado em quatro capítulos, além dessa introdução, sempre fazendo paralelos entre a produção audiovisual e a atividade pesqueira. Logo no primeiro capítulo –

⁸ Diretor de três importantes filmes da cinematografia brasileira : Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), Terra em Transe (1967) e Barravento (1962), esse último, inclusive, tem como cenário uma aldeia de pescadores.

⁹ Projeto contemplado no EDITAL Enfrentamento da Violência contra as Mulheres 003/ 2008 inserido no Programa Mulheres em Ciências de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica, cujos objetivos fomentam a produção científica sobre questões relacionadas ao enfrentamento da Violência contra as Mulheres;

¹⁰ projeto "**Pescando pescadores: Políticas Públicas e Extensão Pesqueira para o Desenvolvimento Local**", financiado pelo Edital MCT / CNPq / CT – Infra / CT - Energ n.07/2006. - uma parceria do programa Posmex com o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco que tem como objetivo compreender as ações da Extensão Rural e da Extensão Pesqueira no âmbito do desenvolvimento local, face às condições atuais dos pescadores e das pescadoras artesanais.

argumento e roteiro - vamos abordar as questões de gênero, violência, extensão pesqueira e a produção audiovisual; no segundo capítulo será a vez de contextualizar o cenário e os personagens dessa história (a cidade de Itapissuma e as pescadoras); no terceiro capítulo, denominado Produção, serão discutidos alguns conceitos sobre a metodologia da pesquisa-ação; o quarto capítulo – edição - chama a atenção para os resultados, conclusões e desdobramentos. E, finalmente, no quinto capítulo – luz, câmera, ação – nossas considerações finais e todas as referências, anexos e créditos desta pesquisa.

Com isso, esperamos que esses textos e imagens, aqui apresentados, sejam observados por vocês leitores-espectadores com a mesma satisfação com que produzimos essas histórias de pescadores e, a partir de agora, também de cineastas.

Poema de Pescador

**Sou pescador...
Aventureiro das ondas
Sou pescador...
Nas minhas viagens longas.**

**O trabalho desperta
A minha infância já acabou
Não sei, se na altura certa
Mas foi o que a vida me brindou.**

**Histórias por contar
No mar alto vividas
Sustos e alegrias por recordar
Têm estas nobres vidas.**

**Mãos queimadas do tempo
Cara envelhecida
Sinais da chuva e do vento
Memória aquecida.**

**De velha traineira
Parto para a aventura
Na busca do alimento
Nesta vida dura.**

Sou pescador...

<http://poesiadepauloafonso.blogspot.com/>

Novo Livro "Caminho da Vontade" - Temas Originais (2009)

CAPITULO 1

1.1 O Argumento - Gênero, Violência e Extensão Pesqueira

Os temas abordados, neste capítulo, referem-se às questões primordiais desta pesquisa: gênero, violência, extensão pesqueira e, mais adiante, o audiovisual. Juntos, tornaram-se elementos precursores desta investigação. Foram realizadas 05 visitas à comunidade de Itapissuma, no decorrer do ano de 2008, como atividade das disciplinas Comunicação e Culturas Populares & Fundamentos da Comunicação e do Desenvolvimento Local¹¹, do programa de pós graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – UFRPE e posteriormente mais de 15 outras visitas realizadas para o desenvolvimento da pesquisa de dissertação, durante os anos de 2009 e 2010. Sendo assim, esta dissertação faz parte de um amplo trabalho em equipe formada por três mestrados¹², sob a orientação da professora Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão¹³, uma das poucas pesquisadoras do Nordeste Brasileiro a trabalhar a relação entre gênero e pesca.

E foi a proximidade com as pescadoras, integrantes da colônia Z-10 (em Itapissuma), gerada durante as visitas dos pesquisadores, que nos trouxe uma nova perspectiva em relação ao direcionamento desta investigação. Num primeiro instante a soberania feminina diante de um ofício tão caracterizado pela presença masculina, como a pesca, foi o que nos chamou a atenção. Pois, em Itapissuma, as mulheres estão no comando da colônia há mais de duas décadas, e mesmo com esse reconhecimento não deixam de sofrer as consequências dos mais diversos tipos de violência praticadas contra as mulheres como: física, de saúde e social. Além disso, o interesse das pescadoras pelo produto audiovisual, em especial o cinema, também nos estimulou a desenvolver esta pesquisa junto às mulheres da comunidade de

¹¹ Disciplinas ministradas pelos professores Maria Salett Tauk Santos e Ângelo Brás Fernandes Callou

¹² Gilmar Furtado (historiador), Ana Cristina Almeida (engenheira civil) e Silvana Marpoara (jornalista) que escolheram a cidade de Itapissuma e as mulheres pescadoras como objeto de estudo de suas dissertações, que abordam diferentes aspectos de Itapissuma e das relações sociais.

¹³ Sobre sua produção acadêmica no tema ver: LEITÃO, M. R. F. A. ; LIMA, Irenilda de Souza ; CALLOU, Angelo Brás F ; SANTOS, Maria Salett Tauk ; PINTO, Edilene Souza . Extensão Rural, Extensão Pesqueira: Experiências Cruzadas. 1ª. ed. Recife: FASA, 2008. v. 01. 208 p. Andrade Leitão, M.R.F. . Pesca & gênero: opapel das mulheres no desenvolvimento local. - Cartilha. Labrys. Estudos Feministas (Online), v. 13, p. 1-12, 2008.

pesca, aliando assim o conhecimento e os interesses das pescadoras às técnicas de produção audiovisual para que elas mesmas produzissem seus próprios filmes.

1.1.1 – sobre Gênero

Em “A breve história do feminismo no Brasil”, Teles (1993) nos introduz a alguns conceitos no que diz respeito à mulher no decorrer da história, visto que, a condição do papel de mulher sempre esteve ligada à submissão, à opressão e ao poder exercido pelos homens. Acredita-se que isso se deve a uma ideologia patriarcal e machista – desde a formação histórica da sociedade – que desvaloriza a importância da mulher enquanto ser social, criativo e inovador. Um dos conceitos se refere ao patriarcado, enquanto teoria universal e totalizante. É tema controverso no campo dos estudos feministas, afirma Narvaz & Koller (2006). Desta forma, o conceito de patriarcado, tomado de Weber, tem delimitações históricas claras, tendo sido utilizado para descrever um tipo de dominação assegurada pela tradição, na qual o senhor é a lei e cujo domínio refere-se a formas sociais simples e a comunidades domésticas.

Portanto, seria inadequado falar, na modernidade, em “sociedade patriarcal”. O pensamento patriarcal tradicional envolve as proposições que tomam o poder do pai na família como origem e modelo de todas as relações de poder e autoridade, o que se apresenta bem diferente na atualidade, principalmente quando se trata da comunidade de pesca do município de Itapissuma, onde são as mulheres que exercem esse poder. Nesse sentido, os mesmos autores problematizam o patriarcado enquanto discurso normativo de papéis familiares, uma vez que valores patriarcais atravessaram os tempos e deixam suas marcas na constituição das famílias ainda na atualidade. O patriarcado é uma das possíveis explicações para o sistema social de opressão das mulheres e suas discriminações são uma forma de violência de gênero e de violação dos direitos humanos das mulheres.

Mesmo assim, de acordo com Rosaldo (1979), somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como irrelevante e que aceita – naturalmente – o fato de que, em toda cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem.

No livro *A mulher existe ?*¹⁴ o questionamento sobre a existência da mulher surge como

¹⁴ coleção de textos organizados por Maria Luzia Miranda Álvares & Maria Ângela D’Incao, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Gênero UFPA, Belém 1995.

tentativa de reconhecer mais do que a simples presença física, e sim a presença das mulheres nas relações de gênero no contexto amazônico. Podemos aqui aproximar a realidade das mulheres da pesca de Itapissuma. Segundo as autoras, a sexualidade da mulher e do homem estão intimamente relacionados e se definem a partir de relações sociais, culturais e psicológicas. O comportamento ativo masculino teria dificuldade de existir em situações onde a mulher também pudesse ser ativa, diferentemente do papel passivo atribuído a elas. Como na questão da sexualidade, a mulher no trabalho, no cotidiano, em casa ou em qualquer outro meio está sempre presente e como essa mulher existe é que é definida pelas relações sociais, assim como todos nós, homens e mulheres, existimos ou somos.

Há ainda uma observação no que se refere à desvalorização das mulheres, aqui apresentada por Ortner (2009), que se baseia no determinismo biológico, pois, haveria algo de geneticamente inerente no macho que o tornaria dominante, este “algo” faltaria às fêmeas, o que as tornaria naturalmente subordinadas. Mas isso não significa que os fatos biológicos sejam realmente deterministas, pois certos dados somente adquirem significado de superior ou inferior dentro da estrutura de sistemas de valores culturalmente definidos. No caso das pescadoras de Itapissuma, podemos observar que esses valores culturalmente definidos se apresentam de um modo peculiar, pois, mesmo que os homens pareçam ser mais fortes – biologicamente –, na atividade pesqueira as mulheres exercem o mesmo papel que eles, sem qualquer diferença ou regalia, e ainda exercem as atividades da colônia, que representa uma classe profissional tipicamente masculina.

O que se sabe é que todas essas informações nos auxiliam a compreender a questão dos movimentos de liberação da mulher, ocorridos nos últimos anos, e acompanhados de perto por vários antropólogos. Esses pesquisadores traziam à tona o interesse em torno das questões femininas na tentativa de propiciar uma nova perspectiva em seu campo. Para Rosaldo & Lamphere (1979) falta, na antropologia convencional, o interesse na mulher, o que sempre levou à teorias distorcidas e a relatos etnográficos empobrecidos. No Brasil, os chamados movimentos feministas tiveram início ainda nos anos 20 quando foi criado o Partido Republicano Feminista, que mobilizou um número significativo de mulheres da época (principalmente operárias). Mas foi por volta dos anos 60 que o movimento ganhou novos ares e vem mudando, cotidianamente, a cada nova demanda ou conquista. O feminismo, como movimento social, é um movimento essencialmente moderno, assim como as análises sobre as relações de gênero no contexto do desenvolvimento social e cultural. Ainda sobre a questão

da atuação feminina em classes de trabalho, vale citar que a colônia Z-10 teve sua primeira presidente eleita, Margarida Mousinho, nos anos 80. Este fato representou um marco não só para as mulheres pescadoras de Itapissuma, como para todas as mulheres que vivem da pesca no país.

De acordo com Leitão (2008), quando falamos em gênero, pensamos na relação entre homens e mulheres. Mas falar em gênero é diferente de falar sobre sexo. As diferenças de sexo são biológicas. As diferenças de gênero são sociais. A teorização de gênero desenvolvida por Scott (1989) envolve as relações de poder onde o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado. Essa teoria vem de encontro às idéias de Foucault (1988) que, em História da Sexualidade, aborda diversos aspectos sobre todo o discurso que se desenvolve em torno do sexo que, segundo ele, está diretamente relacionado ao poder como um todo, e não simplesmente ao poder institucionalizado.

Pensando nisso, Foucault nos faz questionar sobre a relação de “poder” e “saber” que tanto parece incomodar a atual sociedade. Afinal, sabe-se da histórica relação de poder – perante as mulheres – e pouco se desenvolve um discurso que aborde esta questão de uma maneira eficiente, buscando valorizar o verdadeiro papel da mulher no contexto social. Mas essa não parece ser a realidade no universo da pesca do município de Itapissuma, onde o papel da mulher já tem sido desenvolvido ao longo dos anos rumo a uma nova perspectiva quando se trata de gênero. Principalmente após a realização das oficinas do programa Promotoras Legais Populares.

Ainda de acordo com Leitão, as mulheres que desenvolvem a pesca artesanal em Pernambuco se consideram carentes de oportunidades de debates sobre seus direitos como mulheres pescadoras, querem desenvolver suas capacidades de liderança e necessitam de conhecimentos técnicos que as profissionalizem no processo de geração de renda. Ou seja, ainda há uma divisão sexual quando se trata do trabalho na pesca. Às mulheres cabe a pesca de mariscos, ostras, siris – assim como fazem Maria e Joana – e raras são as mulheres que pescam peixes – assim como Cícera – visto que essa atividade é designada aos homens.

Durante a realização do evento em comemoração ao dia das mulheres, realizado no dia 11 março de 2009, na colônia Z-10 (Itapissuma), a pescadora Joana Mousinho lembrou que não deveria existir diferença entre o trabalho da pesca feito por homens ou mulheres, mas a realidade é bem diferente e mesmo que homens e mulheres exerçam a mesma atividade, as mulheres sempre saem em desvantagem, afirma Joana, pois, além do trabalho na maré, a

mulher ainda assume as atividades domésticas. Ao homem, por sua vez, não cabe essa responsabilidade, o que lhe dá mais tempo para a diversão e, conseqüentemente, para a bebida. Durante uma de suas entrevistas a esta pesquisa, Joana revela que já sofreu violência física. Ela foi casada três vezes e um dos maridos batia nela, assim como ela também revidava. Um dos episódios, lembrados por Joana, foi o dia em que estava em casa cozinhando quando o marido (vindo da maré e já bêbado) deu-lhe um tapa na cara. Ela então jogou uma batata quente no olho dele e disse que não apanhava do pai e não apanharia do marido também.

Segundo Machado (1999), as características femininas ou masculinas de uma cultura não são necessariamente as mesmas em outra. Diferentes culturas desenvolvem diferentes entendimentos sobre o que seja “ser” mulher e “ser” homem. Como gênero é uma construção social e histórica, ela se modifica no tempo e no espaço. As relações entre gêneros podem ser mudadas e até mesmo negociadas. E devido a essas relações é que mulheres e homens desempenham diferentes papéis sociais. Esses papéis estão relacionados à esfera produtiva (que gere renda), à reprodutiva (atividades domésticas) e ao gerenciamento das comunidades.

No exemplo de Itapissuma, que se apresenta como um caso peculiar de divisão sexual do trabalho, considerando o contexto em que se encontram as lideranças das Colônias de Pescadores¹⁵ no nordeste brasileiro, as mulheres exercem esses três papéis, visto que trabalham ativamente na atividade de pesca que lhes gera renda, assumem as tarefas do cotidiano doméstico (casa, filhos, entre outros...) e ainda comandam a administração da colônia de pescadores. Sendo assim, coexistem valores contemporâneos e tradicionais na definição destes papéis, bem como há diferentes configurações na constituição das famílias brasileiras alternativas ao modelo dominante, nuclear e patriarcal, tais como as famílias chefiadas por mulheres, a exemplo de Itapissuma.

Assim, quando se trata de gênero podemos afirmar que a aceitação da incorporação de gênero nas políticas públicas esta se concretizando. Ainda de acordo com Machado esse é um caminho para que as necessidades da população sejam melhor entendidas, visto que são as mulheres que estão à frente dessa discussão e que historicamente as mulheres não tem interesses únicos e sim interesses estratégicos – mais abrangentes - e que envolvam homens e mulheres como um todo, transformando-se assim em necessidades de gênero (seja de homens ou mulheres), como afirma Molyneux (1986). Segundo o atual prefeito do município de

¹⁵ Lista das colônias de pescadores de Pernambuco – e seus líderes – em anexo.

Itapissuma, Cal Volia, há sim a proposta de políticas públicas desenvolvidas especialmente para as mulheres da região como as que abrangem as questões de saúde, atividade profissional – pesca e valorização da condição feminina.

O prefeito, que recebeu esta equipe de pesquisadores após três tentativas na sua agenda, ficou surpreso ao saber da produção audiovisual sobre a vida das pescadoras e se mostrou interessado em assistir aos vídeos e viabilizar a exibição na praça da cidade, o que deverá acontecer no mês de abril 2010. Pois, ele acredita ser de extrema importância esse tipo de abordagem mesmo que algumas das informações (como o difícil acesso a assistência de saúde na cidade) sejam contestadas por ele.

Mas quando confrontamos os relatos das mulheres pescadoras com o do prefeito, observamos que ainda há muito o que se conquistar perante as representações governamentais. Antes de mais nada, há necessidade de uma aproximação da colônia frente a administração municipal atual, independentemente de partidos, o que certamente facilitaria muito essa relação que só traria benefícios para a comunidade pesqueira do município. E há resistência de ambas as partes.

No contexto das desigualdades de gênero foi proposto o estudo sobre a Perspectiva de Equidade¹⁶ que integra a ideia de inclusão das questões de gênero nas políticas públicas – levando-se em consideração que homens e mulheres são diferentes e por isso também têm necessidades diferentes, como já vimos anteriormente. Mesmo que essa discussão, já ocorra há mais de três décadas, poucas mudanças são percebidas na esfera pública. Segundo Moser (1992), algumas políticas tentam incorporar as questões de gênero para proporcionar melhor entendimento das diferentes necessidades da população como Programa de Garantia de Renda Familiar Mínima (no município de Campinas-SP) e ainda outras propostas que contemplem educação, moradia e cidadania em municípios brasileiros e países como Namíbia e Índia.

Em Pernambuco, e em especial em Itapissuma, não existe uma política específica desenvolvida para atender as questões de gênero, ficando assim restrita a algumas atividades e iniciativas de órgãos não governamentais. Por isso, é papel fundamental da colônia de pescadores agregar os interesses dessas mulheres, e também dos homens, abrigando projetos

¹⁶ Estudos iniciados na década de 70- época que até então as mulheres eram invisíveis nas teorias do desenvolvimento e que tem como objetivo conseguir essa equidade, reconhecendo, assim, o triplo papel das mulheres e valorizando a participação ativa delas no desenvolvimento.

como das Promotoras Legais, por exemplo, e buscando assim atender algumas de suas necessidades, como a questão da violência. Este projeto aborda, entre outras coisas, aspectos que certamente interessariam às esferas públicas locais, visto que, apontam (através dos resultados dos questionários das Promotoras Legais) lugares de maior periculosidade da cidade – sobre o ponto de vista das pescadoras – e ainda as possíveis razões pelas quais a violência (principalmente no que diz respeito às mulheres) é tão expressiva na região.

Neste contexto, a Articulação de Mulheres Pescadoras conta, além de Pernambuco, com a participação de representantes dos seguintes estados: Bahia, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Piauí e Pará. Entre as questões abordadas pela articulação está a violência de gênero que aqui se situa a partir de um modelo de como as desigualdades entre sexos figuram e podem ser entendidas pela referência às desigualdades socialmente construídas (Rosaldo *apud* Leitão. 1979). De acordo com Bourdieu, também podemos considerar a violência simbólica presente na assimetria das relações entre masculino e feminino, construída na direção de constituir homens/sujeito e mulheres/objeto.

1.1.2 – sobre Violência

E foram as mulheres pescadoras de Itapissuma - e suas histórias - que serviram de inspiração para esta pesquisa, além da lida com a maré, essas mulheres enfrentam os problemas e dramas tão comuns a qualquer outro grupo de mulheres, como: a preocupação com a família, o trabalho, o meio ambiente e também a violência. Estima-se que 60% das mulheres do município, segundo a secretaria de defesa social do estado de Pernambuco, já tenham sofrido algum tipo de violência e esse é um assunto difícil de abordar. Mas quando tratamos sobre violência, é preciso esclarecer que não é apenas a violência física que nos preocupa, e sim outras manifestações de violência que atingem diretamente as mulheres, como: a violência referente à saúde e a violência da invisibilidade social, tão presentes na atividade pesqueira.

Nesse sentido, acreditamos que o caráter lúdico do contato com a produção audiovisual ajude essas mulheres a lidar melhor com essa situação, visto que essa é a oportunidade de falar a respeito, trocar experiências e buscar soluções. Um dos conceitos que vem se consolidando como estratégia para promover a igualdade entre homens e mulheres é o empoderamento, que tem conquistado uma maior aceitação teórica e se incorporado à prática dos diversos atores

sociais, na perspectiva do gênero no desenvolvimento (LOPEZ; SIERRA, 2001).

A violência física, no contexto das comunidades pesqueiras, semelhante a outros grupos sociais, consiste numa difícil tarefa porque as mulheres aprenderam a se calar sobre o tema. Segundo Teles (1993), no Brasil fazia-se crer que somente homens negros e pobres espancavam as mulheres, devido ao alcoolismo ou à extrema pobreza, como se a violência contra a mulher fosse um fenômeno de caráter meramente econômico. No que se refere à realidade vivida pelas mulheres pescadoras de Itapissuma, essa observação se faz verdadeira. Nossa primeira personagem, Joana Mousinho, 57 anos, vivenciou a questão da violência física com 2 dos 3 maridos que teve e afirma que a “culpa” era da bebida – situação tão comum entre os pescadores da região. Segundo Joana, várias vezes ela precisou de ajuda para se livrar de uma situação de violência, chegando até a sair pelas ruas em busca de socorro, e muitas outras vezes ela também praticou a violência contra seus companheiros.

Nesses momentos irmã Nilza¹⁷ era quem salvava as mulheres da região, não só acolhendo essas mulheres, como aconselhando e realizando uma série de palestras sobre o assunto na própria colônia de pescadores. Assim como tantas outras mulheres da cidade, Joana já sabia que seu marido ou companheiro praticava a violência e naquela época não havia a consciência que existe hoje (como a lei Maria da Penha, por exemplo). “Minha ajuda era na tentativa de resolver o conflito familiar, conversar com o agressor e tentar conscientizá-lo sobre a gravidade do problema”, afirma a religiosa. Apesar dessa interferência, segundo Irmã Nilza, poucas eram as mulheres que resolviam realmente essa questão nas suas vidas, pois a maioria acaba voltando para casa e também à rotina de surras e agressões.

¹⁷ Importante figura na atuação da pastoral da pesca na cidade de Itapissuma nos anos 70 e 80, que hoje vive num convento na cidade de João Pessoa – PB.



Figura 2 – Irmã Nilza com Joana, Mira e Mônica na Colônia Z-10

Apesar de que todo ato de violência, baseado na diferença de gênero, resulte em sofrimento, danos físicos, sexuais e psicológicos da mulher, os mesmos devem sim ser punidos, é o que afirma a Organização das Nações Unidas, mesmo que as mulheres tendam a se envergonhar da situação de violência a que são submetidas e muitas vezes desistam de levar a acusação adiante. E diferentemente do que se acreditava, até então, essa violência passou a ser praticada também nas outras esferas da sociedade entre gente rica e bem sucedida, como no caso da farmacêutica Maria da Penha, que deu origem a criação de uma lei¹⁸, que visa punir os agressores de mulheres.

Diante disso, em 2000, a ONU, ao analisar os maiores problemas mundiais, estabeleceu 8 Objetivos do Milênio¹⁹, que é uma iniciativa que se propõe a auxiliar a geração de políticas públicas de interesse da sociedade através da conscientização e mobilização em torno de alguns assuntos caracterizados como essenciais. Entre os objetivos – junto ao combate à fome e à miséria; redução da mortalidade infantil; educação básica e de qualidade para todos; está a

¹⁸ Lei número 11.340 decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva em 7 de agosto de 2006; A lei Maria da Penha entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006 e é uma homenagem à mulher que foi agredida pelo marido durante seis anos. Em 1983, por duas vezes, ele tentou assassiná-la. Na primeira com arma de fogo, deixando-a paraplégica, e na segunda, por eletrocução e afogamento. O marido de Maria da Penha só foi punido depois de 19 anos de julgamento e ficou apenas dois anos em regime fechado.

¹⁹ Acesso : <http://www.objetivosdomilenio.org.br>

igualdade entre sexos e a valorização da mulher.

Afinal, a história nos mostra que durante muito tempo os homens e as mulheres não tinham os mesmos direitos e deveres. Em alguns países isso ainda acontece. Em outros, como no Brasil, as mulheres vêm conquistando direitos que antes lhes eram negados. Principalmente no que diz respeito à violência física. Por exemplo, foi criada na década de 80, em São Paulo, uma delegacia específica para atender às necessidades das mulheres. No que tange aos direitos da mulher, acredita-se que a criação destas Delegacias representa a maior conquista das mulheres neste século. Uma inovação de um país de terceiro mundo, retratando a realidade de violência que não escolhe cor, raça, nível social, econômico ou cultural e não tem hora, dia ou local para acontecer.

Dados da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres²⁰ mostram que no país existem 386 delegacias especializadas de Atendimento às Mulheres, em Pernambuco são apenas cinco unidades (Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes, Petrolina e Recife) e nenhuma delas no município de Itapissuma. Mas tanto a prefeitura municipal quanto as pescadoras da cidade já fizeram contato com a Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco na tentativa de trazer para a cidade uma unidade dessa delegacia especializada, visto que essa é uma das principais reivindicações das mulheres locais, conforme pudemos observar durante as oficinas desta pesquisa na colônia de pescadores.

Enquanto isso, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres coloca à disposição da comunidade uma relação de serviços de atendimento específicos para a Mulher que são prestados pelo governo federal, pelos governos estaduais e municipais, além de diversas outras instituições da sociedade civil, como : Centros de Referência à Mulher, Defensorias Públicas de Atendimento à Mulher, Organismos Governamentais de Políticas para as Mulheres, Casas Abrigo, Serviços de Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência Sexual, Serviços de Referência em Saúde para a Mulher, Conselhos Estaduais e Municipais de Direitos da Mulher, Grupos e Organismos Não Governamentais de Mulheres, Juizados e

²⁰ A Secretaria foi criada através da Medida Provisória 103, no primeiro dia do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, para desenvolver ações conjuntas com todos os Ministérios e Secretarias Especiais, tendo como desafio a incorporação das especificidades das mulheres nas políticas públicas e o estabelecimento das condições necessárias para a sua plena cidadania. Acesso : http://presidencia.serpro.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/

Varas Especializados em Violência Doméstica e contra a Mulher que tanto auxiliam as vítimas da violência na busca de ajuda e soluções.

De acordo com a jurista e professora Maria Rita Home, representante da OAB (Organização dos Advogados do Brasil) e que também desenvolve um projeto de pesquisa na Universidade Católica de Pernambuco esses assuntos de causa feminista certamente não se diferenciam da realidade vivida pelas mulheres pescadoras de Itapissuma. Não havia – até a criação da lei Maria da Penha - uma diretriz específica para as questões da mulher e é preciso que (diante dessa conquista) as mulheres passem a utilizá-la e com isso mudem suas histórias de vida.

Já para o Ministério Público de Pernambuco, que mantém um grupo de estudos direcionado às questões de racismo e nada para a mulher especificamente, a violência contra mulher – seja lá de que natureza for – deve ser enquadrada como crime e os casos que são direcionados ao seu conhecimento devem ser orientados para possíveis investigações. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 129, incumbiu ao Ministério Público de fiscalizar os abusos cometidos também no que se refere à violência física, de saúde e social referente às mulheres.

Enquanto isso, o SOS Corpo (ONG que trata das questões feministas) tem importante atuação no estado de Pernambuco, tendo como meta contribuir para a democratização da sociedade brasileira por meio da promoção da igualdade de gênero com justiça social. Fundada em 1981, com sede na cidade de Recife, O SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia - é uma organização da sociedade civil que visa fortalecer o feminismo popular, isto é, construir o feminismo como um movimento social do campo democrático e popular (Organização autônoma e sem fins lucrativos).

Por isso, o interesse em contribuir para esta pesquisa através do fornecimento de informações que vieram a gerar a parte textual dessa dissertação e também os vídeos. O mesmo acontece com outro órgão, o Fórum das Mulheres de Pernambuco, que inclusive vem realizando palestras e assistências às comunidades populares do estado, inclusive a Itapissuma, que é tão carente desse tipo de informação. Mesmo diante de tantos órgãos e instituições, ainda é preciso direcionar mais políticas e projetos que atendam às necessidades da mulher, pois a maioria das pescadoras sequer tem noção de quem procurar em caso de violência.

Os índices de violência, praticados contra as mulheres, na região de Itapissuma, atingem percentuais alarmantes e certamente não são as questões sociais, econômicas, culturais ou de qualquer outra natureza que agem de maneira isolada nessa realidade da mulher pescadora. E

mesmo com tantas oportunidades de apoio, como visto anteriormente, as mulheres pescadoras do município dizem não saber como agir diante dessa realidade. A violência contra as mulheres constitui-se em uma das principais formas de violação dos direitos humanos e é o fenômeno mais democraticamente distribuído na sociedade porque atinge todos os continentes, classes sociais e grupos étnico-raciais. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), quase metade das mulheres assassinadas são mortas pelo marido ou namorado, atual ou ex, representando aproximadamente 7% de todas as mortes de mulheres entre 15 a 44 anos no mundo todo.

No que diz respeito à violência social, ou seja, aquela violência exercida de maneira implícita pela sociedade, não existem números concretos, apenas relatos e alguns estudos que objetivam analisar as razões pelas quais esse tipo de atitude acontece e quais as consequências para os que sofrem desse mal. Para teorizar sobre a violência social é preciso abordar questões iniciais como o preconceito, que é um juízo preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou "estranhos". E no caso das mulheres da pesca é notório o preconceito direcionado a elas, principalmente no que diz respeito à invisibilidade. Pensando nisso, Melo (2008) afirma que a invisibilidade da participação da mulher nas atividades produtivas e, mais ainda, a exploração do seu trabalho no sistema global das relações capitalistas de produção, contribui ao longo da história para aumentar as desigualdades entre homens e mulheres.

No caso das pescadoras, por exemplo, a violência social ocorre também abrangendo referências de gênero, visto que a profissão de pescadora ainda é desvalorizada enquanto atividade de trabalho. Nossa segunda personagem da pesquisa, Cícera, 43 anos, exerce a atividade da pesca há mais de 25 anos e ainda hoje diz passar por situações delicadas como, por exemplo, ter vergonha de dizer que é pescadora ao tentar fazer crédito numa loja do comércio, pois sempre lhe cobram contra cheque. Então ela tem que explicar que não tem trabalho fixo e logo lhe perguntam como ela pretende pagar. Cícera, na sua simplicidade, diz que paga suas contas com o dinheiro do seu trabalho – a pesca – mas que, infelizmente, a maré não dá atestado.

Assim, ela acaba eventualmente atuando em outras frentes de trabalho como faxineira na escola municipal Eurídice Cadaval, também em Itapissuma, ou ainda numa banca de feira onde vende os peixes que pesca. Para Cícera, a falta de estudo e conhecimento limita seu universo de trabalho, afinal, sem saber ler e escrever o único trabalho que lhe oferecem é o

que não exige qualificação profissional e com isso só lhe resta a pesca. Com isso, ela se diz invisível no mundo, como se não existisse, e isso é uma das mais terríveis formas de violência, pois é velada e escondida.

De acordo com Constantino (1990), a invisibilidade social é um conceito aplicado a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença, seja pelo preconceito. Há vários fatores que podem contribuir para que essa invisibilidade ocorra: sociais, culturais, econômicos e estéticos. Essa invisibilidade pode levar a processos depressivos, de abandono e de aceitação da condição de “ninguém”, mas também pode levar à mobilização e à organização da minoria discriminada. Nesse caso, a discriminação tão citada pelas pescadoras se apresenta desde a ideia de que todo pescador é preguiçoso – o que já demonstra o preconceito latente da sociedade perante esse profissional – até a desvalorização dos dirigentes governamentais que não produzem políticas sociais para os pescadores. Tais fatores só contribuem para a geração dessa violência social, mesmo que, na maioria das vezes, as comunidades de pesca estejam mobilizadas e organizadas em associações e ou colônias para que sejam exercidos seus direitos.

Curiosamente, o aporte da teoria econômica feminista é tornar visível a contribuição das mulheres para economia, assim como acontece com as mulheres pescadoras de Itapissuma, que são bases fundamentais da economia familiar e também do município. Este aporte, segundo Nobre e Faria (2002), considera o trabalho de forma mais ampla, incluindo o mercado informal, o trabalho doméstico, a divisão sexual do trabalho, e integra a reprodução como fundamental à nossa existência, incorporando saúde, educação e outros aspectos relacionados como temas legítimos da economia. Tudo isso agregado à atividade da pesca.

Ainda, segundo as autoras, as mulheres vivenciam a violência, quando não são vistas como pescadoras em seu ambiente de trabalho e moradia. Enfrentam precárias condições de trabalho e encontram dificuldade para tornarem-se sócias das colônias, associações e cooperativas de pescadores, o que impossibilita a obtenção da carteira de pescadora que comprovaria a sua atividade profissional. Fato esse que não acontece em Itapissuma, visto que a presidente da colônia e demais dirigentes não medem esforços para que todas as pescadoras atuantes tenham sua carteira. Mas o que se observa é que as pescadoras, de uma maneira geral ainda não compreendem os benefícios da aquisição da carteira e, assim como Cícera, demoram muito tempo até que resolvam providenciar tal documento.

Sem a compreensão de seus próprios direitos e a importância do papel da pescadora na cadeia

econômica, essa invisibilidade é uma forma silenciosa e intensa de violência que aparece quando não se reconhece as especificidades das questões das mulheres, tornando invisíveis as relações estabelecidas com o trabalho produtivo das pescadoras. Gênero é um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana, ou seja, de relações que são historicamente construídas, assim como a idéia de que cabe às mulheres o zelo e a manutenção do espaço doméstico e a perpetuação de condições favoráveis à reprodução.

Por entender que as relações sociais de gênero se manifestam e se desenvolvem no cotidiano das pescadoras, buscamos, através desta pesquisa, conhecer o seu cotidiano para discutir os impactos dessas questões entre as pescadoras na tentativa de identificar e analisar até que ponto as violências contribuem para a invisibilidade do trabalho realizado por elas através da produção de vídeos documentários.

Deste modo, Leitão (2009), através da pesquisa²¹, analisou os movimentos por direitos civis organizados a partir de 1970 que destaca os anseios profissionais e pessoais das pescadoras da Colônia Z-10, em Itapissuma. As reivindicações tiveram início quando as mulheres envolvidas no mercado da pesca, ainda, não eram reconhecidas juridicamente como trabalhadoras. Foi então que em 1979, a colônia se organizou e pressionou o Governo Federal, conquistando o direito ao registro profissional. Esta foi a primeira vitória das pescadoras de Itapissuma. Com o registro, passaram a ter direitos sociais, como INSS e licença-maternidade.

Mesmo diante de todas essas conquistas, o exercício realizado pelas mulheres na atividade pesqueira parece ainda não ser devidamente valorizado e são ações como essa, a produção de vídeos documentários, que podem auxiliar na abordagem, divulgação, sensibilização e no aprofundamento do conhecimento sobre o tema. O que pode interferir no processo de desconstrução das desigualdades e discriminações de gênero nos padrões sexistas/machistas ainda presentes na sociedade brasileira e, principalmente, no município de Itapissuma. Assim, essas práticas podem promover o empoderamento das mulheres pescadoras, conceito que vem se consolidando como estratégia para promover a igualdade entre homens e mulheres e que tem conquistado uma maior aceitação teórica e se incorporado à prática dos diversos atores sociais, na perspectiva do gênero no desenvolvimento (LOPEZ; SIERRA, 2001).

²¹ “Pesca e gênero: 30 anos de carteira profissional de pescadoras”, desenvolvida pela professora Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Recife 2008.

Entre as práticas de violência, direcionadas às mulheres da pesca, as que relacionam as questões de saúde são das mais cruéis, pois lidam diretamente com os riscos de vida do trabalhador da pesca. Como nos apresenta Mattos (2000), mesmo com toda a questão da aquisição de carteiras de pescadores – e por consequência do maior acesso aos direitos trabalhistas – os pescadores de uma maneira geral são típicos trabalhadores informais, sem proteção ou qualquer garantia de vida. Estão expostos a vários riscos no seu dia-a-dia, como acidentes com embarcações, com os apetrechos de pesca, com o próprio pescado, afogamentos, além de estarem expostos aos efeitos da radiação solar e às variações climáticas. Há ainda a sobrecarga de peso e trabalho e a própria atividade noturna que potencializa mais os riscos.

E para exemplificar a violência de saúde, vivenciada pelas pescadoras do município de Itapissuma, vamos relatar a situação da pescadora Maria, 33anos, que sofre de sérios problemas de varizes nas pernas. Segundo ela pescar ostra, marisco e sururus (no meio da lama) faz com que as mulheres tenham maior esforço nas pernas, o que compromete toda a circulação e acaba gerando rompimento de vasos sanguíneos. A maré é um lugar perigoso, pois, as mulheres passam horas em contato com a água e a lama (o que gera sérios problemas ginecológicos e também doenças como a hanseníase), afirma Maria. O problema é que não há uma política pública de saúde voltada para o profissional da pesca (mesmo com a população de 70% de pescadores).

A própria Maria diz já ter procurado o sistema público de saúde do município e não consegue sequer ser atendida por um ginecologista. De acordo com ela, quando precisa ir ao médico acaba buscando atendimento fora da cidade, o que demanda tempo e gasto com transporte público. As varizes, que tanto incomodam Maria, deveriam ser tratadas com técnicas específicas – chamadas de escleroterapia, ou secagem dos vasinhos - que também não estão disponíveis nos postos de saúde e nem no hospital de Itapissuma. O prefeito da cidade diz ter conhecimento dos problemas de saúde que tanto atingem as mulheres pescadoras e garantiu que há, sim, todo um direcionamento de verba e estrutura para atendê-las na rede pública de ensino.

Alguns pesquisadores que estudam a violência em geral propõem definições abrangentes quanto ao contexto social, que levem em conta a chamada “violência estrutural” (Habermas, 1980; Joxe, 1981; Minayo, 1994; Bourdieu, 1995). Minayo (1994), definindo o campo de estudo da violência para a Saúde Pública, chama a atenção para a violência imperceptível,

embutida na sociedade, determinada pela apropriação desigual de bens e informações, que formaria uma rede menos aparente de violência, já que seriam “visíveis” apenas episódios mais agudos, como violência física explícita.

Quando se trata das questões de saúde, Grimberg (1998) nos apresenta conceitos aliando epidemiologia e antropologia. Isto porque, segundo o autor, os problemas de saúde-enfermidade estão, correlativamente, direcionados à necessidade de articulação entre distintas abordagens. Parte desse reconhecimento se manifesta nas propostas de incluir a análise sócio-cultural da comunidade enferma e não tratá-la como fato isoladamente. Esses estudos etnográficos em linhas de investigação epidemiológica podem abrir importantes perspectivas na análise das relações entre saúde e práticas sociais. Por isso, uma tendência contemporânea de pesquisar grupos sociais e suas características também no que se refere às questões de saúde (qualidade de vida) e questões relacionadas à saúde pública e práticas médico sanitárias, assim como no caso das pescadoras de Itapissuma.

Uma parcela desses trabalhadores da pesca (em média 44%), ainda segundo Mattos, relataram possuir doenças ou agravos à saúde. Essas doenças estão relacionadas à sobrecarga de peso, à grande jornada de trabalho e a todas as situações de periculosidade a que estão expostos em suas atividades. Foram identificadas grandes dificuldades desses trabalhadores em realizar o seu labor, havendo a necessidade urgente de encontrar medidas que possam melhorar suas condições de trabalho e vida. Em recente oficina, realizada pelo grupo Gente da Maré²², com comunidades de pesca na Bahia, o médico Paulo Barreto ofereceu uma série de orientações as pescadoras presentes ao encontro, entre as participantes estava Joana – uma das personagens desta pesquisa.

Joana lamentou que as associadas da colônia Z-10 não estivessem presente nesse encontro, pois essas informações sobre saúde são de extrema importância para as pescadoras e deveriam ser melhor tratadas pelas autoridades. Em Itapissuma a situação não se difere, afinal, as mulheres pescadoras da região sofrem de inúmeros problemas de saúde e acredita-se que, na maioria dos casos, gerados por conta da atividade de trabalho. Segundo a atual presidente da colônia Z-10, Miriam Mousinho, toda semana há um caso de doença – entre as pescadoras - e que, graças à aquisição da carteira de pescadora são encaminhadas ao INSS, na tentativa de

²² Projeto coordenado pela ONG World Fisheries Trust que realiza oficinas, sobre gênero e pesca em comunidades de pesca no nordeste do Brasil.

conseguir algum beneficiamento para quem não pode exercer a atividade da pesca durante a enfermidade.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a pesca é reconhecidamente uma das atividades mais perigosas e coloca os pescadores em risco de morte sete vezes maior ao de outros setores industriais juntos, sendo os naufrágios, condições adversas do tempo e encontro com animais aquáticos perigosos, as principais causas de acidentes registrados. Entre as trinta queixas mais frequentes relatadas, destacam-se as dores de origem neuromusculares e articulares, traduzidas por dores nos pulsos, braços, juntas, ombros, costas, peito, coluna, câimbras ou dores pelo corpo em geral, podendo estar relacionadas ao desconforto físico sentido pelos trabalhadores quando do desenvolvimento de suas atividades.

Outras queixas muito declaradas estão relacionadas a problemas de origem respiratória, como bronquites, pneumonias, gripes e resfriados, traduzidos por crises de tosse, falta de ar e obstrução nasal, além de doenças do aparelho digestivo, tensão nervosa, excesso de consumo de álcool e/ou fumo, provocando enfermidades respiratórias, sinusites, cáries dentárias, dermatites, originadas pelo contato com óleo diesel, e perda de audição, provocada pela exposição a níveis de ruído excessivos. Os estudos realizados junto à categoria revelam os mais variados tipos de adoecimento, com influência negativa em sua vida econômica e social.

Os agravos à saúde, segundo matéria publicada na revista *Ciência & Saúde Coletiva*²³, são decorrentes dos vários fatores de risco e agentes patológicos a que estão expostos. É também possível afirmar que os riscos a que se submetem são potencializados pelas condições de vida e trabalho e a falta de proteção social. São situações graves, onde os riscos de acidentes com embarcações, afogamentos, ou com o próprio pescado, as variações climáticas, a exposição à radiação solar, os ruídos dos motores dos barcos, o excesso de peso, são potencializados pela grande jornada de trabalho, a instabilidade da função e também a falta de uma legislação específica para este setor.

Como no exemplo da pescadora Maria, além das varizes nas pernas, ela acredita que uma série de outras enfermidades sejam causadas pela atividade pesqueira, entre elas, o câncer de pele. Pois, as pescadoras ficam expostas ao sol sem qualquer precaução ou até mesmo orientação das autoridades de saúde local. Assim como outras atividades que também colocam o trabalhador em contato direto com o sol (como o carteiro), as pescadoras precisam de cuidados

²³ Edição 056/2007 - http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=1798

específicos. Se os carteiros recebem protetor solar para usá-lo antes de trabalhar, as pescadoras não recebem o mesmo incentivo. Apesar de que muitas das pescadoras já têm essa consciência, como Joana que só pesca de camisa comprida e chapéu, muitas ainda não têm o mesmo cuidado.

Assim, ao tratarmos sobre a violência em três diferentes perspectivas, física, social e saúde, o que podemos observar é que cada uma delas atua individualmente, em alguns casos, mas também fazem parte de uma problemática maior, como veremos no decorrer desta pesquisa através das nossas pescadoras/personagens. Heise (1980) conclui que a violência é um fenômeno extremamente complexo, com raízes profundas nas relações de poder baseadas no gênero, na sexualidade, na auto-identidade e nas instituições sociais. E é essa complexidade que vamos analisar, daqui por diante, sobre o prisma da violência de gênero vivenciada pelas mulheres da pesca no município de Itapissuma.

1.1.3 – A Extensão Pesqueira através do programa das Promotoras Legais

Com base nesses conceitos, sobre gênero e as diversas manifestações da violência, a contextualização de um cenário para essa pesquisa é fundamental, afinal, Itapissuma é uma cidade cheia de limitações sociais com tão poucos recursos e oportunidades, mas, mesmo assim, o cinema parece estar intensamente presente no imaginário dessas pescadoras. Mulheres que, assim como Joana, mesmo sem saber nadar, enfrentam as águas em busca do sustento e também se emocionam com os filmes de romance e aventura que são exibidos na TV e nas locadoras²⁴. Ou ainda Maria, que só assiste filmes em casa, em companhia dos filhos, e sonha ir com eles ao cinema de verdade. E também Cícera, que já esteve numa sala de cinema, quando era noiva, e diz hoje não ter paciência para ver filmes por mais de duas horas na TV.

Agora elas trocam suas redes e barcos pelas câmeras de vídeo para produzir suas próprias histórias, seus próprios filmes, assim como no cinema. Principalmente no que diz respeito à violência praticada contra as mulheres pescadoras, a produção de vídeos documentários pode colaborar para as mudanças e (re)elaborações das histórias dessas mulheres no contexto da extensão pesqueira. Tanto que ousamos aqui chamar essa experiência de cinema, pois essa é a

²⁴ existem cerca de 10 estabelecimentos como esses na cidade de Itapissuma e mais de 70% dos associados são pescadores.

referência que cada uma delas tem sobre imagens projetadas na tela, mesmo que o suporte – aqui utilizado - seja o vídeo.

Quando se trata do universo da pesca algumas observações se apresentam imprescindíveis, principalmente quando analisamos a pesca artesanal, atividade característica da região de Itapissuma. Entre elas a divisão de atividades relacionada ao gênero dos pescadores. Segundo Pinheiro (2008), as mulheres pescadoras do Paraná vivem situação semelhante de tantas outras profissionais da pesca, onde as atividades são criteriosamente divididas. Às mulheres sempre são atribuídas as seguintes tarefas: puxar rede; carregar os peixes; limpá-los e vendê-los. Enquanto aos homens são destinadas as tarefas de: jogar rede; remar; puxar rede e consertá-la; Mas quando se trata da comunidade de Itapissuma essa realidade é bem específica, pois as pescadoras da região acabam exercendo todas essas tarefas, sem qualquer distinção.

Em Pernambuco, por exemplo, mulheres não são consideradas pescadoras, mas consideradas marisqueiras, como atesta um documento do Centro Josué de Castro, mesmo que não sejam os mariscos seu objeto de trabalho. Essa categorização pode manifestar-se como um obstáculo ao exercício dos direitos femininos na pesca e da representação feminina no ambiente pesqueiro. Essa pesca e a coleta por mulheres constituem um trabalho invisível, como já abordamos anteriormente ao introduzirmos as questões de gênero e as violências praticadas contra as mulheres da pesca.

A divisão de trabalho entre homens e mulheres acarreta em desigualdades. As mulheres adquirem uma rotina exaustiva que gera desgaste físico e emocional constante e sem reposição. Sua jornada de trabalho inclui a atividade extrativista, cuidados com a família. Algumas militam e se dedicam à Colônia de pesca, como em Itapissuma, por exemplo, onde as mulheres estão à frente da Colônia Z 10, contribuindo nas tomadas de decisão, enquanto nos estados do sul isso parece ainda muito incipiente.

Para Beauvoir (1980), só o trabalho pode proporcionar liberdade concreta à mulher. Entretanto, hoje o trabalho em si não é liberdade. O trabalho feminino é mais complexo que isso: o trabalho fora de casa não lhes dispensa o trabalho no lar. A maioria das mulheres que trabalha, incluindo as camponesas, não se evade do mundo feminino tradicional, não recebe, pelo seu trabalho, benefícios morais e sociais e isto lhe desanima e constrange. Mesmo atingindo liberdade econômica, não alcança situação moral, social e psicológica igual a do homem. Algumas mulheres, entretanto, encontram no seu trabalho autonomia econômica e

social. Não parece ser este o caso das pescadoras de Itapissuma que, ao longo da sua história, vêm provando que essa realidade pode ser diferente e muito têm contribuído para o desenvolvimento da extensão pesqueira no país.

A política de extensão pesqueira no Brasil surgiu com a finalidade de apoiar o desenvolvimento do setor pesqueiro baseada nos argumentos de que possuíamos uma imensa costa nacional, abundante de pescados e que as comunidades pesqueiras artesanais se encontravam em total desamparo sócio-econômico. Para Callou (1994), os movimentos de pescadores têm muita proximidade com a agricultura familiar e também se articulam com outros movimentos, como o dos indígenas. Nesse contexto, propunha-se a difusão de tecnologias modernas de pesca, assim como ocorria no meio rural, através da difusão de tecnologias agropecuárias. Com esta proposta o serviço oficial de extensão pesqueira desenvolveu seu trabalho, a partir do final dos anos 60, defendendo que a modernização do setor seria o caminho mais promissor para se alcançar o desenvolvimento social e econômico das comunidades pesqueiras.

O resultado das políticas implantadas nessa época foi desastroso. Ao invés do desenvolvimento social e econômico proposto, restaram às comunidades pesqueiras a degradação ambiental, o empobrecimento, a diminuição drástica da produção e a exclusão social das famílias. E isso pode ser claramente observado na comunidade de Itapissuma que – ainda hoje – sofre as consequências dessa tentativa de implantação de política pública direcionada à pesca.

De acordo com o prefeito do município, Cao Volia, a cidade de Itapissuma é, essencialmente, voltada à produção pesqueira e nunca se direcionou políticas para essa categoria profissional. Porém, desde o governo Lula essa situação tem se transformado. Isso se deve, também, à recente criação do Ministério da Pesca que pretende voltar os olhos para essa questão. Tanto que já foram promovidas duas conferências (regional e nacional) da pesca e aqüicultura, realizadas no Recife e Brasília – especificamente - e que contou com a participação de duas das nossas personagens Joana e Maria.

Estivemos presente nestas duas conferências e observamos os assuntos questionados, como o interesse do pescador artesanal, o seguro para as temporadas de proibição da pesca, a questão da carteira profissional e os benefícios para o pescador. No entanto, em nenhum dos dois

encontros foram observadas questões referentes à violência ou até mesmo à mulher. Enquanto isso, durante a realização de dois eventos, na UFRPE, um sobre 30 anos da carteira de pescador e o outro sobre pesquisas voltadas para o setor da pesca (Jepex), pudemos observar como o foco dos atuais estudos estão realmente direcionados a tudo que envolve o universo feminino e nisso está inclusa a questão da violência.

A partir de 2003, é que se deu início a elaboração da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER, um programa voltado aos pescadores artesanais e aquicultores familiares que passaram a ser incluídos na categoria da agricultura familiar e, portanto, beneficiários dos serviços de ater pública e gratuita, conforme determina a Constituição Federal de 1988 e a Lei Agrícola de 1991. Dessa vez os próprios pescadores são convidados a formatarem as novas propostas que beneficiem e atendam à classe através das Conferências Regionais e Nacionais de Aqüicultura e Pesca²⁵, onde as pescadoras de Itapissuma sempre se fazem presentes, bem como por ocasião do recente Encontro Nacional das Trabalhadoras da Pesca, que também foi acompanhado de perto por esta pesquisa.

Outra recente pesquisa que teve a comunidade de pesca de Itapissuma como objeto de estudo foi a publicada por Quinamo (2006) que, entre outros aspectos abordou a questão do meio ambiente. Segundo o autor a pesca artesanal trata das suas interações com os ecossistemas estuarinos e manguezais, os conflitos de uso dos recursos naturais, situando-a no contexto mais amplo das transformações sócio-econômicas e sócio-ambientais da região. Como resultado, observa-se, por exemplo, que a atividade pesqueira artesanal realizada em Itapissuma envolve cerca de 3,3²⁶ mil homens e mulheres que se dedicam à pesca e coleta de peixes, moluscos, crustáceos e mariscos e que essa atividade está presente em praticamente metade dos domicílios, gerando renda e meios de subsistência.

Observa-se também que essa atividade sofre e se transforma com o crescimento populacional e urbano, o desemprego e a expansão da estrutura produtiva construída e suas implicações para os estuários e manguezais, incluindo a rica biodiversidade que encerram e o suporte que proporcionam à atividade pesqueira. Entre os problemas ambientais que afetam a pesca se

²⁵ A equipe desta pesquisa teve a oportunidade de acompanhar as conferências estaduais e nacionais de pesca no ano de 2009, material em anexo.

²⁶ Legalmente inscritos na Colônia Z-10 estão 1800 pescadores as. Considerando que alguns pescadores não estão em dia com a Colônia, outros estão inscritos em Itamaracá e Igarassu.

destacam a pesca predatória, a poluição por efluentes domésticos e industriais, a destruição de áreas de mangue e a movimentação de embarcações motorizadas nas áreas de pesca

Considerando as particularidades do setor da pesca artesanal e da aquicultura familiar e incorporando as propostas já existentes para o desenvolvimento sustentável dessas categorias é que se discutem questões como: a degradação ambiental, o desaparecimento das espécies, o empobrecimento das famílias, assim como a relação do turismo com a pesca e a especulação imobiliária - exatamente como acontece no município de Itapissuma – devido à proximidade com a ilha de Itamaracá (pólo turístico na região norte do estado de Pernambuco). Há também a preocupação com os saberes existentes nas comunidades de pesca, a construção desse conhecimento que acabam gerando uma melhor organização desses grupos de pescadores (colônias e associações) e ainda a questão da geração de trabalho e renda.

Como observamos, não há ainda diretrizes voltadas diretamente à questão da mulher pescadora. Nesse sentido, as duas recentes conferências de pesca é que trouxeram novas propostas, como os seis artigos (101 a 106) do caderno de emendas ao texto base da III conferência nacional de aquicultura e pesca²⁷ que abordam questões relacionadas à inclusão social; Mas, infelizmente, as abordagens quanto à condição feminina da trabalhadora da pesca, como as questões de saúde e também a violência, sequer são lembradas pelo caderno de emendas. Curiosamente, ao presenciarmos a realização das conferências observamos que tais assuntos não foram nem mesmo sugeridos para inclusão de novas emendas ao texto base. Por isso, tamanha dificuldade de traçar pensamentos e análises em torno da extensão pesqueira, aqui abordada, na perspectiva da representação audiovisual das pescadoras de Itapissuma.

Por isso, faz-se de tamanha importância o programa Promotoras Legais Populares, que no estado de Pernambuco ganha apoio da Secretaria Especial das Mulheres e ainda do Ministério Público. O PLP despertou em organizações de mulheres e de direitos humanos, o interesse em se apropriar de sua proposta e metodologia para desenvolvê-lo em diversas localidades, entre elas, em Itapissuma. Segundo a carta de princípios²⁸, o programa Promotora Legal Popular é

²⁷ Evento ocorrido entre os dias 30 setembro a 02 outubro, em Brasília, organizado pelo recém criado Ministério da Pesca e Aquicultura, que contou com a presença de pescadoras do município de Itapissuma.

²⁸ Disponível através do site : <http://www.promotoraslegaispopulares.org.br>. Acesso em: 20/07/2008

uma liderança capaz de dar orientação sobre questões do cotidiano (violações de direitos, ameaças, violência contra a mulher, etc.), para outras pessoas que se encontram necessitadas de reconhecimento e apoio para enfrentamento de dificuldades. Sendo assim, mulheres da comunidade são treinadas para atuar como promotoras. São as chamadas agentes.

O objetivo é contribuir para o acesso das mulheres à justiça, diminuição do déficit de cidadania existente junto às mulheres de camadas populares e para a redução da violência contra a mulher. Essas agentes, na maioria lideranças comunitárias, passam por um curso, com 120 horas de duração, em assuntos vinculados aos direitos humanos das mulheres, legislação, defesa e discriminação, violência sexual, entre outros. Depois disso, elas se tornam Promotoras Legais Populares (PLP) e podem atuar como agentes de cidadania e de direitos humanos em suas comunidades. Entre os temas abordados nos cursos, destacamos:

- Cidadania;
- Acesso à justiça;
- Gênero;
- Feminismo;
- Violência;
- Sexualidade;
- Prevenção de DST/Aids;
- Raça/etnia;
- Educação, cultura, entre outros.

No município de Itapissuma o programa aconteceu em 2008 e se instalou na colônia Z-10 atendendo a um considerável grupo de pescadoras (30 das quais apenas 19 concluíram o programa), entre elas nossas personagens Joana e Maria. Joana foi a primeira agente do programa Promotoras Legais, no município, e sempre enfatiza a importância do programa que além de realizar as oficinas e palestras contribuiu para a modificação do olhar dessas mulheres diante da violência. Segundo Joana, uma sobrinha, que apanhava do marido, não hesitou em procurar a delegacia, depois de participar das oficinas. E muitas outras mulheres fizeram o mesmo, afirma a pescadora que conhece muitos casos de violência em Itapissuma.

Já para Maria, a lembrança do programa Promotoras Legais é de saudosismo, pois, por falta

de investimento na continuidade do mesmo (que garantia o trabalho das agentes que visitavam e pesquisavam sobre a vida das pescadoras de casa em casa, através de recursos da prefeitura), nem os resultados dos mais de 500 questionários foram tabulados e sequer conhecidos. Por isso, o interesse dessa pesquisa em utilizar esses dados e assim contribuir e revelar essas informações para a sociedade. Quando perguntada sobre o programa, nossa terceira personagem, Cícera, disse não ter conhecimento. Ela pouco participa das atividades da colônia, mas, disse ter interesse sim em cursos e oficinas, como as realizadas pelo Promotoras Legais e se surpreende com alguns dados obtidos pelos questionários.

De acordo com uma das responsáveis pelo desenvolvimento do programa no estado, a professora Regina Célia, as atividades desenvolvidas foram direcionadas para a comunidade em questão. Pois, a proposta do programa é dar noções gerais sobre violência, saúde, direitos humanos, entre outros. Mas, a cada comunidade visitada, a realidade local é levada em consideração. Segundo a historiadora e socióloga, esse é um projeto que demanda continuidade e lamenta que não seja alvo das políticas públicas estaduais e locais, visto que, só através do conhecimento do seu povo (e dos seus problemas) é que podemos auxiliar e contribuir para as suas transformações. Não há previsão para a realização de novas oficinas e palestras do programa Promotoras Legais, em Itapissuma.



Figura 3 – Grupo Promotoras Legais Itapissuma com a professora Regina Célia

Mas ainda analisando questões sobre a ausência de leis e a atuação social das mulheres pescadoras, Oliveira (1994) nos apresenta, dentro de um contexto sociológico, as mulheres pobres habitantes das regiões litorâneas do nordeste brasileiro exercem uma atividade

geradora de renda cuja organização produtiva está diretamente condicionada aos diversos usos, manejos e dinâmicas da reprodução dos recursos naturais marinhos. A atividade extrativista dessas mulheres expressa exemplarmente um íntimo grau de dependência entre o processo produtivo e a dinâmica ambiental.

Ou seja, os aspectos ambientais, econômicos, sociais e simbólicos é que explicam a inserção do trabalho feminino no meio marinho. De acordo com Elaine²⁹, não há nem mesmo leis internacionais que contemplem gênero e pesca. Sendo assim, podemos identificar como um progresso os recentes movimentos brasileiros – nas três últimas décadas – que trazem à tona as questões relacionadas às mulheres negras e aos índios que foram essenciais para os movimentos feministas e para a vida política nacional.

Ainda sobre as condições da atividade de trabalho da mulher pescadora, vale lembrar que já existem créditos de financiamento específicos para as mulheres, como o Pronaf Mulher³⁰ que muito contribui para o desenvolvimento da atividade profissional da pescadora. E agora, através desta pesquisa empírica, que busca desenvolver através dos recursos audiovisuais, as questões já aqui mencionadas, acreditamos que os vídeos documentários apresentarão novas e importantes contribuições para esse segmento de pesquisa.

1.2 O Roteiro – A Produção Audiovisual e o Cinema como ferramenta

A partir desse momento vamos vislumbrar a utilização do produto audiovisual (o cinema) como elemento de mediação, demonstrando assim a importância desse meio (a câmera) para a realização desta pesquisa que nos dará elementos de análise a partir dos vídeos produzidos pelas pescadoras. De acordo com Turner (1998), o conjunto de práticas mais complexo na produção cinematográfica envolve o manejo da própria câmera. Assim, tivemos a preocupação em apresentá-la às nossas personagens de maneira lúdica, visto o receio natural

²⁹ Elaine Ward é advogada, especialista em gênero e direito internacional, membro da ONG canadense Word Fisheries Trust, que vem desenvolvendo uma série de atividades em comunidades pesqueiras do nordeste brasileiro.

³⁰ PRONAF - O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar Mulher - criou em 2003 um financiamento especial para o público feminino que tem com o objetivo gerar uma segunda renda na família para investimento na propriedade familiar, independente do marido ou companheiro ter tido acesso aos financiamentos tradicionais de custeio e investimento do programa.

que todas elas têm diante de um equipamento eletrônico.

São essas ações – de produção audiovisual - que podem auxiliar na desconstrução das desigualdades e discriminações de gênero, interferindo nos padrões sexistas/machistas ainda presentes na sociedade brasileira, promovendo assim o empoderamento das mulheres pescadoras, pois, a partir da utilização do suporte vídeo e de todas as possibilidades proporcionadas por ele, as pescadoras se sentem poderosas e detentoras de um novo conhecimento. Mesmo que o passado e suas histórias pareçam fascinantes, como afirma Huyssen (2000), ao dizer que esse seria um simples efeito colateral compensatório de uma nova temporalidade pós-moderna, acreditamos que o fascinante aqui são as atuais histórias de vida dessas pescadoras, sem que para isso seja necessário apagar os fatos já ocorridos. Pois, esta pesquisa, visa valorizar os relatos, independentemente do tempo em que tenham ocorrido.

Trata-se, assim, de uma possível reflexão sobre as práticas culturais e ainda aspectos sociais, políticos entre outras variantes dessa comunidade pesqueira. Assim como o projeto Vídeos na Aldeia (1987) ³¹. O projeto foi se tornando ao longo do tempo um centro de produção de vídeos e uma escola de formação audiovisual para povos indígenas e com isso permitiu criar um importante acervo de imagens sobre essas comunidades no Brasil. O mesmo poderemos fazer, posteriormente, com as comunidades pesqueiras, visto que não há registros audiovisuais sobre essas comunidades em território pernambucano e nordestino, pelo menos de maneira sistemática, o que demonstra um vasto campo de pesquisa e atividade a ser desenvolvida e a relevância desta proposta de pesquisa. Vale lembrar que essas comunidades de pesca possuem ainda uma importante característica, a forte participação feminina nos seus comandos – através das colônias - ou até mesmo na representatividade da classe, assim como acontece no município de Itapissuma.

Essa proposta de inserção, das pescadoras em suas histórias através da produção audiovisual, está diretamente ligada não só ao cinema – enquanto instrumento – mas também a outras disciplinas, como lingüística, psicanálise, semiótica e a antropologia. Algumas dessas disciplinas são, por si só, híbridas, e permitem a confluência de seus significados e estruturas na realização dessa pesquisa, além de serem fundamentais para a compreensão da mente

³¹ Projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil, que tem como objetivo apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais.

www.videonasaldeias.org.br

humana (WOLLEN, 2000). Afinal, o cinema não é o alvo principal da pesquisa, mas parte de um argumento mais amplo sobre a representação – o processo social de fazer com que imagens e sons signifiquem alguma coisa. (TURNER, 1988).

O vídeo surgiu num contexto histórico contemporâneo, mas sempre atrelado ao conceito da arte cinematográfica. É um fenômeno de comunicação, e em alguns casos, tem a capacidade de resultar num processo de troca direta de diálogo – entre realizadores e público - não muito comum em outros meios, principalmente quando essa troca é estabelecida pelo olhar objetivo de quem produz a mensagem, nesse caso as pescadoras de Itapissuma. Segundo Machado (2001), a experiência criativa, pela qual as pescadoras vivenciam através dessa pesquisa, de criar seu próprio ambiente midiático redefine, evidentemente, os modos de relacionamento com a mídia e o mundo. E o fato das pescadoras terem o contato com a câmera de vídeo é o grande diferencial dessa experiência que vai expressar a complexidade e contradições do olhar contemporâneo diante dessa comunidade.

De acordo como IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 98% dos municípios brasileiros não dispõem de cinema ou teatro, e denominam essa realidade como um apagão cultural. O mesmo acontece com a cidade cenário dessa pesquisa. Não há teatro, cinema, biblioteca ou qualquer outro espaço dedicado à cultura e ao entretenimento na cidade de Itapissuma e as poucas atrações, como shows musicais ou grupos de coco e ciranda – tão típicos dessa região – acontecem, esporadicamente, como na festa de emancipação do município ou ainda durante a maior festa da cidade, a busca de São Gonçalo, que acontece no mês de janeiro.

Mas quando se trata de cinema, dizem os antigos moradores que um velho galpão, perto da igreja, abrigava o cinema do município com uma sala repleta de cadeiras e a enorme tela. “Não consigo nem imaginar um cinema aqui na cidade, eu mesma nunca vi um filme assim, só na televisão, e tenho a maior vontade de ir a um cinema de verdade”, diz a pescadora Joana. Maria, que tem dois filhos pequenos sonha em levar as crianças para um cinema de verdade. E para Cícera, que já esteve numa sala de exibição, cinema é o que ela vê na TV hoje e mesmo assim não lhe atrai tanto.

Quando essa pesquisa teve início, ainda durante o curso das disciplinas do mestrado, foram feitas algumas visitas à comunidade de Itapissuma e realizadas algumas entrevistas para descobrir sobre o consumo cultural da comunidade de pesca. Através disso, constatou-se que 65% dos entrevistados declararam gostar de cinema e boa parte deles jamais esteve numa sala

de exibição, ficando para a TV a ideia de tela de projeção dos filmes na casa de todos os entrevistados. Mas isso não implica no distanciamento dessas pessoas da arte cinematográfica, visto que todos sabem dizer nome de artistas e filmes que mais tenham gostado ou não, e ainda as preferências de estilos fílmicos como: faroeste, ação, guerra, terror, romance, erótico, luta marcial e comédia. Estes gêneros são os mais apontados pelos pescadores.

A cada dia inúmeros filmes são exibidos na TV aberta e mais uma enorme quantidade de outros filmes são lançados no mercado de vídeo e DVD. Para Joana, uma de nossas personagens, o estilo de filme que mais lhe agrada, curiosamente, são os de kung fu. Ela cita também os filmes de ação e os romances (que ela acreditava que viveria, na sua juventude, histórias como as dos filmes). Para Maria, a satisfação – ligada ao cinema – está diretamente relacionada ao gosto dos filhos que costumam comprar dvd's de filmes e sonham em ir a uma sala de exibição e assistir as produções em animação. Para Cícera, não há mais o encantamento pelo cinema, ela recorda dos filmes que viu com o marido (na época ainda noivo) e que hoje, segundo ela, são histórias muito longas que não lhe prendem a atenção.

De acordo com Marpoara (2008), só no município de Itapissuma existem vários estabelecimentos destinados ao comércio de vídeo e DVD³². Levando-se em consideração que o preço médio de locação é de R\$ 2,50, por filme. Este ainda é um produto cultural de fácil acesso, visto que não existem outras opções para a comunidade, e talvez por isso atraia tantos adeptos.

Alguns dos pescadores entrevistados declaram comprar dvd's de filmes piratas, por conta do preço, e se assustam ao saber o valor do ingresso de cinema (cerca de 16 reais, por pessoa). Outro aspecto a ser observado é que os estilos de filmes, preferidos pelos pescadores da região, em nada têm a ver com o cotidiano dessas pessoas. E vale lembrar ainda que a pesca sempre está presente na produção cinematográfica³³, desde a produção pernambucana *Aytaré da Praia* (um clássico de 1925) até alguns registros feitos pelo cineasta Glauber Rocha e os recentes filmes da nova geração do cinema local.

³² Um dos mais frequentados é a BAM BAM locadora, que já existe há mais de 10 anos, tem um acervo com mais de 3 mil filmes e uma clientela de 900 pessoas, em média, boa parte deles os pescadores da cidade. Segundo o proprietário, Nias Silva, o público consumidor de filmes é, na maioria masculino entre 30 e 40 anos e acabam se interessando pelos filmes eróticos e de artes marciais enquanto as mulheres procuram pelos títulos de romance e ação.

³³ O primeiro registro, nessa temática, é o filme Português Nazaré, Praia de Pescadores

Essas mesmas perguntas, propostas aos pescadores, apontam que uma pequena parcela do orçamento doméstico dos pescadores se destina à cultura e à diversão. Talvez por conta das características dessa população que tem renda fixa tão baixa e poucas expectativas de ganho extra. Segundo os pescadores, o valor máximo dedicado a esse segmento é de 30 reais. Do pouco valor destinado à cultura, 60% dos entrevistados diz que costumam ler livros, revistas, jornais e até placas de rua e a bíblia (visto que boa parte dos entrevistados é evangélica). Lamentável é identificar que alguns dos pescadores não sabem ler e por isso dizem não gostar de ler, além dos inúmeros problemas de vista que afligem os pescadores.

Contraditória é essa realidade diante do fato de que a maioria dos entrevistados possui aparelho celular, por exemplo, que demanda custo e são normalmente destinados às conversas e não só às emergências dos usuários. Joana, Maria e Cícera – claro – possuem aparelhos de telefone móvel e essa é a melhor maneira de encontrá-las. Se para Joana o telefone viabiliza a comunicação com os filhos que moram no Rio e em São Paulo, para Maria o telefone serve também para atender as solicitações dos filhos, ainda de menor, que precisam de acompanhamento mesmo quando ela não está por perto. Já para Cícera, o telefone, além de comunicação com o mundo exterior, oferece vários dos recursos disponíveis como o rádio que lhe acompanha durante a ida para a maré. Gosto de música internacional, afirma a pescadora.

Já o acesso à internet ainda é um mistério para esses homens e mulheres do mar, apenas um deles declarou possuir computador em casa, por conta dos estudos dos filhos. Para quem quer se aventurar pelo mundo cibernético são 08 unidades de lan houses espalhadas pela cidade, o que reflete uma nova demanda dessa população que se aproxima da tecnologia e do universo da comunicação eletrônica. Joana e Maria são usuárias de internet e parecem familiarizadas com essa tecnologia, enquanto para Cícera isso tudo é novidade que não se atreve a entender.

Mas é a TV o eletrodoméstico mais utilizado para diversão dos pescadores, que assistem a programas, como novelas, telejornais, desenhos animados e filmes, indicando, mais uma vez, a inclinação desse público diante do mercado audiovisual. Paralelamente, os programas de TV menos apreciados pelos pescadores são os que abordam temas como a violência e o sexo. Quando indagados, alegaram que gostariam de ver na TV mais atrações culturais e mais filmes, demonstrando assim o tamanho interesse pela ferramenta que utilizamos nessa pesquisa-ação (o audiovisual) com as pescadoras de Itapissuma .

Segundo a Secretaria de Cultura da cidade de Itapissuma não há grandes investimentos no setor apenas pela inexistência de verba destinada para isso, porém, há sim um planejamento

estratégico no que diz respeito às atividades culturais realizadas no município. Ao se falar de políticas culturais, percebe-se o importante papel que estas exercem na dinamização de novas estratégias de desenvolvimento e promoção de municípios brasileiros. Segundo Ferrão, Henriques e Neves (1994), o investimento em políticas culturais coloca no “mapa” territórios esquecidos ou marginais, conferindo-lhes um dinamismo capaz de inseri-los em um território-rede, ou seja, conectado a todo tempo com demais municípios, governos e entidades dos mais variados segmentos sociais.

Neste sentido, o poder local desempenha um papel preponderante enquanto mecanismo animador e regulador dos processos de mudança que também dizem respeito aos serviços públicos de cultura, onde se propõe a criação de um mercado consumidor que seja assistido localmente. Isso significa considerar as necessidades locais de desenvolvimento, mesmo que o poder local utilize como subsídios diretrizes construídas por agentes governamentais em nível federal. Segundo o prefeito de Itapissuma, Cao Volia, apesar de existir uma secretaria de cultura no município, não há uma verba significativa direcionada à produção cultural local, ficando limitada apenas aos eventos tradicionais da cidade.

Esta pesquisa teve acesso ao Relatório da 1ª CNC, no qual constam diversas ações selecionadas pelos representantes do governo local de Itapissuma quando da sua participação nas políticas culturais que, assim como as demais políticas sociais, estão inseridas em um contexto mais amplo de reforma do Estado, notoriamente marcada pela descentralização e autonomia dos governos locais. Não obstante, o processo de descentralização não é homogêneo entre os estados da Federação e nos seus municípios, variando tanto no que se refere ao alcance das políticas pela população, quanto no nível de participação desses sujeitos no processo decisório.

Para Canclini (2001), as políticas culturais resumem-se a um conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis e grupos comunitários organizados, a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou de transformação social. De acordo com Chauí (2006), no artigo *Cidadania Cultural*, o direito à cultura, desde a origem da palavra “*colere*”, que em latim significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, que a cultura se aproxima do homem e, em especial, dessa comunidade voltada ao cultivo de peixes. Por isso, a proposta dessa pesquisa em conhecer a vida, o trabalho e a relação com a cultura dos moradores do município de Itapissuma – em especial as pescadoras da colônia Z10 - através de uma câmera de vídeo, ou

seja, do cinema.

E assim como ocorre com o pescador, antes de enfrentar o mar é preciso tecer a rede, observar a maré, escolher a rota até produzir uma série de vídeos documentários com os temas e interesses dessas pescadoras. A relação das pessoas com as novas tecnologias representa, para Barbero (2000), uma relação de cumplicidade cognitiva e expressiva, pois é nos sons, na velocidade, nas imagens e fragmentações que eles encontram seu ritmo e idioma. E, por isso, a proposta de aproximar essas novas tecnologias de uma comunidade pesqueira.

O conceito hermético sobre cinema³⁴, quanto à técnica de produção de uma história e à exibição num determinado espaço pré-concebido de sala escura e projeção na tela, ganha, através dessa experiência, novos elementos, pois o audiovisual é um fenômeno de comunicação, e em alguns casos, tem a capacidade de resultar num processo de troca direta de diálogo – entre realizadores e público - não muito comum em outros meios, principalmente quando essa troca é estabelecida pelo olhar subjetivo de quem produz a mensagem, neste caso, as pescadoras de Itapissuma.

Com isso, surgem alguns questionamentos. O que essas pescadoras gostariam de mostrar através da lente da câmera? Em que realidade elas acreditam que vivem, no município de Itapissuma e o que deveria, ou não, ser abordado nesses vídeos? Qual a relevância de uma atividade como essa? Em que mudaria ou transformaria suas vidas? E ainda como as imagens, o cinema e as referências audiovisuais estão inseridas no seu dia a dia? Seria essa experiência uma tentativa de democratizar as informações e também o acesso à cultura?

Se a epistemologia estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento, podemos acreditar que – no que se refere ao produto audiovisual - também se faz importante o estudo da origem, estrutura, métodos e todo o conhecimento sobre o cinema e o vídeo. Principalmente no que diz respeito aos que estarão direta ou indiretamente envolvidos com essa produção, neste caso as mulheres pescadoras de Itapissuma. Desde a realização das oficinas de capacitação, direcionadas às pescadoras, que alguns novos conceitos e informações sobre o audiovisual foram abordados, como veremos nos vídeos resultantes desta pesquisa.

³⁴ Invenção dos irmãos Lumiere, no ano de 1895, que inclui a técnica de projetar imagens para criar a impressão de movimento, bem como uma arte e a indústria cinematográfica. BERNARDET (1980).



Figura 4 - O Pescador, de Tarsila do Amaral

Este quadro tem um colorido excepcional e trata de um tema bem brasileiro: um pescador num lago em meio a uma pequena vila com casinhas e vegetação típica. Este quadro foi exposto em Moscou, na Rússia, em 1931 e foi comprado pelo governo russo.

CAPITULO 2

2.1 O Cenário - Contextos sobre o nordeste, Itapissuma e a colônia Z-10

O Brasil possui um dos mais vastos litorais do continente, cerca de 7.400 km, sendo a região nordeste do país a grande privilegiada por receber as águas do oceano atlântico em todos os seus nove estados. Na costa pernambucana, são 187 km de praias e afluentes de rios e canais que transformam a área numa grande bacia pesqueira e de enorme importância econômica. Cerca de dois milhões de pessoas dependem da pesca, no Brasil, sendo que 60% do que é produzido é de forma artesanal, número muito menor que países como: Peru e Chile que têm litorais bem menos significativos. Por isso, a criação de um ministério da pesca (recém criado pelo governo de Luis Inácio Lula da Silva, no ano de 2009) para priorizar as atividades pesqueiras no país e o trabalho de homens e mulheres que vivam da pesca.

Entre os municípios litorâneos está o cenário dessa pesquisa, a cidade de Itapissuma, que significa Pedra Negra ³⁵ e que vamos conhecer neste capítulo. No início era grafada Itapiçuma por conta da origem indígena, e de acordo com Barreto & Galvão (2005), a cidade foi primitivamente uma aldeia fundada em 1588 até se transformar em povoado, vila, distrito e posteriormente num município em 14 de maio de 1982. Itapissuma é considerada patrimônio da humanidade por ainda possuir resquícios da Mata Atlântica e é considerada um importante pólo náutico da região nordeste, além do reconhecimento pela culinária à base de frutos do mar com iguarias, como a “caldeirada” (uma junção de vários frutos do mar acompanhado de pirão e arroz), que atrai muitos turistas nos finais de semana.

Itapissuma está localizada no litoral norte do estado de Pernambuco, nordeste brasileiro. Segundo dados do IBGE tem 22 mil habitantes (desse total mais de 50% são mulheres) e um território de pouco mais de 74 km. E é sob a ponte Getúlio Vargas, que liga Itapissuma à Ilha de Itamaracá, cartão postal da cidade, que muitas embarcações e pescadores fazem seu trajeto.

³⁵ Fonseca, Homero - *Pernambucania: sobre a origem dos nomes das cidades de Pernambuco*. Recife, Editora Bagaço, 2008.

A ponte de 372 metros foi inaugurada em 25 de janeiro de 1940 e era uma das maiores aspirações da população local³⁶.

O município vive especialmente da atividade pesqueira. De acordo com o IBGE, cerca de 70 % da população retiram das águas do canal de Santa Cruz e do mar, espécies como ostras, peixes, crustáceos, mariscos e outros produtos que tanto caracterizam a atividade rural desses profissionais. Até mesmo o hino da cidade³⁷ traz, em seus versos, uma importante citação sobre o canal de Santa Cruz que “banha nossa terra natal e é rico em alimento”, referindo-se assim a atividade que se extrai das águas do canal - a pesca.

Há uma enorme preocupação quando se trata dessa extração de alimentos, pois, além das águas do canal, é o mangue a grande fonte de geração de espécies que acabam sofrendo as consequências da degradação ambiental tão presente na região. Há muitos anos Gilberto Freyre já demonstrava preocupação com esse tema que, segundo ele, era resultado da cultura da cana de açúcar no nordeste do Brasil que – entre outras coisas – afetava a produção de peixes.

Segundo o recém criado Ministério da Pesca e Aquicultura, a pesca artesanal é responsável por 65% da extração pesqueira do país (cerca de 550 mil toneladas por ano). Estima-se ainda que sejam mais de 700 mil pescadores no Brasil. Só em Itapissuma são mais de 3 mil profissionais da pesca, sendo 1.800 cadastrados na colônia Z-10 e a maioria deles são mulheres que fazem da pesca sua principal atividade profissional e também integram uma importante cadeia de produção de alimentos.

Ao longo dos anos a pesca artesanal, segundo Quinamo (2006) em recente pesquisa também ambientada na região, é uma das mais importantes atividades geradoras de emprego e produtora de alimentos e com isso tem sofrido com a degradação dos manguezais e de outros importantes ecossistemas costeiros tão essenciais para as pescadoras de Itapissuma.

Entre os 185 municípios pernambucanos Itapissuma apresenta algumas características muito significativas, visto que é um município recentemente emancipado (desde 1982³⁸) e que por conta disso ainda está em processo de formação, quando se trata da relação mulher e trabalho,

³⁶ Segundo informações do livro Itapissuma, sua história, sua gente de Jorge Paes Barreto e Tácito L.C. Galvão.

³⁷ Hino de Itapissuma, letra de Eunice Paiva e música de José Clementino Pessoa, foi criado através da lei municipal n. 45 de 30 de novembro de 1983.

³⁸ Itapissuma foi emancipada através de plebiscito popular que decidiu por 1129 votos a desvinculação do município de Igarassu e depois aprovada em lei da Assembléia Legislativa e publicada no Diário Oficial no mesmo ano.

pois boa parte dos pescadores do município são mulheres e são elas que, há mais de 20 anos, quando Margarida Mousinho transformou-se na primeira mulher a comandar uma colônia de pescadores, continuam à frente dessa administração.

Há registro de que já em 1946 a educadora Eurídice Cavadal (que hoje dá nome à escola modelo do governo do estado, que atende aos filhos de pescadores do município) ocupou a cadeira da colônia de Itapissuma, a Z-10. Mais recentemente três pescadoras, personagens de nossa pesquisa, também têm papel atuante frente à colônia. Joana Mousinho (que foi eleita, mais uma vez, em dezembro 2009), Maria (que trabalha como secretária da colônia desde 2008) e Cícera (que é associada há pouco mais de cinco anos).

De acordo com levantamento feito pela Fundação Joaquim Nabuco, só na cidade de Itapissuma estima-se que existem mais de 3.000 homens e mulheres que trabalham na pesca. A mesma pesquisa aponta que um em cada dois domicílios do município tem pelo menos uma pessoa que sobrevive do mar. Outros dados revelados pelo estudo dão conta de que cerca de 58% dos pescadores locais estão há mais de quinze anos na atividade, sendo que mais de ¼ deles têm mais de trinta anos de profissão.

Embora recebendo até um salário mínimo cerca de 85% do total de pescadores e pescadoras têm ocupação garantida. E, mesmo sem carteira assinada, o produto de seu trabalho garante o alimento sempre à mão, fazendo da pesca um meio de sobrevivência sócio-econômica indispensável. Certamente a existência de uma colônia de pescadores, com intensa atuação como a Z-10, acaba por contribuir com esses dados. Pois, desde a sua criação, uma das grandes lutas tem sido pelo registro dos trabalhadores da pesca, em especial as mulheres. Dos 1800 pescadores cadastrados, a maioria é representada por mulheres.

No ano de 2009 foram comemorados os 30 anos de Registro da Pesca³⁹. Entre as atividades foi realizado um encontro – na Universidade Federal Rural de Pernambuco – que contou com as presenças das mais significativas representações da atividade pesqueira, em Pernambuco. Joana, Maria e Cícera estavam lá e presenciaram os depoimentos de pescadores e estudiosos sobre a questão da mulher na pesca e a importância do registro profissional.

³⁹ Importante conquista para as pescadoras e que mereceu um evento coordenado pelo Núcleo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade, realizado 25 de março de 2009 na UFRPE, com o objetivo de iniciar um projeto financiado pela SPM/PR, de celebração da conquista, levantar questionamentos e debater sobre os benefícios da carteira para essa classe trabalhadora. A CPP também comemorou os 30 anos do Registro da Pesca para as mulheres em 11 a 13 de junho de 2009.

Segundo Joana, a carteira era tirada através do IBAMA e só mais recentemente é que as carteiras são tiradas através do Ministério da Pesca. Maria relata que a aquisição desse documento só teve importância a partir do momento em que começou a trabalhar na colônia. Hoje ela auxilia os pescadores de Itapissuma a ter conhecimento sobre a carteira e lembra da importância no que diz respeito às questões de saúde (por conta dos benefícios do INSS em caso de acidente, por exemplo). Para Cícera, o maior benefício de ter sua carteira de pescadora é que ela poderá ter, daqui há alguns anos, a sua aposentadoria.

De acordo com Barreto & Galvão (2005) mesmo com todos os números representativos da pesca, no município de Itapissuma, algumas outras atividades também são desenvolvidas na região, como o parque industrial, às margens da PE 35, com a atuação de indústrias como : Alcoa, Estaleiro Nave Sul e Frigorífico Malta. O comércio da cidade é de pequeno porte e ainda não gera oportunidades de trabalho para os moradores locais e, com isso, promove uma série de problemas sociais como educação, desemprego e violência.

Quando se trata de educação os dados são ainda mais alarmantes em relação à comunidade pesqueira, pois cerca de 79% dos pescadores da cidade não sabem ler. Talvez, por isso, a nova geração dessas famílias esteja, cada vez mais, voltada para a atividade fora da pesca como a escola. Muitos dos filhos desses pescadores estudam na escola Eurídice Cadaval, que faz parte do programa modelo da Secretaria de Educação do Estado, e que também nos servirá (posteriormente) de cenário para a realização de atividades – proposta por esta pesquisa que alia cinema e pesca.

E mesmo tão próximo à capital do estado, Itapissuma parece distante de tudo quando se trata de acesso à educação, trabalho, informação e também cultura. Mas, para falar em cultura é necessária uma breve análise da comunidade da cidade de Itapissuma, que vive essencialmente da pesca e das atividades agrícolas, o que representa apenas 0,5 % do PIB do estado de Pernambuco. O município é apenas mais um, de tantos outros municípios nordestinos, que apresentam dados tão preocupantes, como taxa de analfabetismo acima dos 30%, e uma população muito jovem, mais de 12 mil pessoas até os 30 anos de idade, que sem oportunidade de estudo e trabalho, acaba não contribuindo para a formação sociocultural da cidade, é o que afirma a Secretaria de Educação de Pernambuco.

Itapissuma é um conhecido destino turístico, por conta das praias e bares, mas não pelas possíveis atrações culturais. Essa realidade se estende por toda região norte do estado, visto que outros municípios como Paulista, Abreu e Lima, Igarassu e a ilha de Itamaracá, também

sofrem dessa falta de produção e políticas voltadas para a cultura. Segundo o atual prefeito do município, Cal Volia, as atividades culturais de Itapissuma têm sido alvo de sua gestão e cita o maior evento da cidade a Buscada de São Gonçalo⁴⁰, que acontece há mais de 170 anos, como principal investimento cultural da cidade.

A buscada, que segundo os moradores locais, é uma homenagem a São Gonçalo que teria sido pescador, acabou se transformando numa grande festa (com a participação de bandas de musica popular) e sofre fortes criticas da comunidade. Para Joana, que hoje é evangélica, a buscada não faz mais parte do seu calendário festivo, mas aproveita a ocasião para vender salsichão na porta da sua casa e, com isso, ganhar um dinheiro extra. Maria, católica praticante, lembra do sentido religioso da festa e faz questão de participar ao lado dos filhos: Andrielly (12 anos) e Athur (11 anos) que, inclusive, participa do cortejo (ele é coroinha da paróquia local) de São Gonçalo desde a descida da embarcação até a chegada à igreja. E para Cícera, o dia da buscada é realmente um dia de festa. Ela, o marido e a família aproveitam para assistir a buscada, tomar cerveja e reunir amigos e familiares para o almoço.

No ano de 2001, o *Jornal do Commercio* produziu uma série de matérias sobre a política cultural nos municípios da região metropolitana do Recife e Itapissuma foi citada várias vezes, inclusive por não estar inserida num programa de políticas e desenvolvimento de cultura. Anos depois, a situação é a mesma. Ainda hoje não há – por exemplo – um ponto de cultura (projeto em larga expansão do Ministério da Cultura) na região. De acordo com a representante do Ministério da Cultura, na região nordeste, Tarciana Portela, a cada temporada são recebidas diversas propostas para criação de novos pontos de cultura, mas ainda não receberam nenhuma proposta do município de Itapissuma e é preciso que as pessoas da cidade se mobilizem para isso.

Também não há parque, biblioteca, teatro ou cinema na cidade. O último registro é de que o cinema de “biu” fechou as portas ha mais de 30 anos. O atual prefeito afirma que seus pais se conheceram nesse antigo cinema, mas que não há recurso para reativar essa atividade na cidade. Joana, Maria e Cícera sequer têm lembrança desse cinema e tudo que conhecem sobre audiovisual têm referência com os filmes da TV.

É diante deste cenário que essa pesquisa se desenvolve. Assim, acreditamos que um estudo que englobe as esferas de gênero, violência e extensão pesqueira tenha muito a contribuir

⁴⁰ Buscada marítima, com intuito religioso, que acontece no mês de janeiro e que atrai grande numero de pescadores, fiéis e turistas a cidade de Itapissuma.

nesse processo de formação de uma consciência sobre cultura e cidadania no município de Itapissuma. Daí a proposta de “Mulher além da Maré”, que traz à tona o contexto do recurso audiovisual para expandir o debate, a partir de agora, mostrando que essas mulheres pescadoras têm muitas histórias para contar além das suas vivências na maré.

2.2 As Personagens - Mulheres, Pescadoras e Cineastas



Figura 5 – Nomes de mulher nas baiteiras, na beira do canal de Santa Cruz

Aline, Suzi, Vivi, Valéria e tantos outros nomes femininos parecem dar personalidade aos barcos e baiteiras da colônia Z-10, no município de Itapissuma. Talvez seja um indicador de que nessas águas a presença das mulheres é realmente significativa. E, para essa pesquisa, são elas as principais personagens que terão suas histórias reveladas a partir desse capítulo. Mulheres estas que se transformaram em pescadoras não só por vocação, mas sim por necessidade, na maioria dos casos, e que vêm fazendo desse árduo ofício uma verdadeira luta pela sobrevivência.

Mas também há toda uma nova geração, de mulheres (filhas e netas de pescadoras) que vislumbram novas oportunidades e tentam se afastar da maré, mas que continuam convivendo com um mesmo problema comum: a violência. Para darmos início a essa construção de

histórias, apresentamos as protagonistas e também diretoras desses filmes: Joana, Maria e Cícera. Em comum, o fato de serem mulheres, moradoras da cidade de Itapissuma, terem origem na pesca e – infelizmente - alguma história para contar que envolva a violência.

A relação entre o sujeito e as possibilidades oferecidas pela câmera traz um novo elemento, a sedução, que segundo Maffesoli (2004) é o momento de reencantamento do mundo – e da sua realidade – através da imagem que se transforma num importante elemento do vínculo social. E é exatamente isso que percebemos durante as visitas a Itapissuma e nas filmagens realizadas pelas pescadoras da colônia Z-10 e também pelas alunas da escola Eurídice Cadaval, por exemplo.

Cada uma que queira contar sobre suas histórias e suas vidas, mas também há aquelas que ainda temem tamanha exposição, principalmente quando se trata de assuntos socialmente silenciados, tão difíceis de encarar, como a violência. Mas o manuseio da câmera torna a realidade mais lúdica, aos poucos se torna algo fácil. Assim como a lida com a rede, as histórias vivenciadas no cotidiano das pescadoras as aproximam desse novo universo encantado.

Segundo Turner (1988), existem referências no nosso inconsciente que nos auxiliam na formação e captação de imagens, pois os enquadramentos e a narrativa se apresentam distintas a cada um que utiliza a câmera. Joana logo se familiarizou com o novo objeto e conseguiu registrar as cenas do seu cotidiano. Maria mostrou-se confusa ao lidar com a câmera e por vezes filmou o chão, as paredes, sem se preocupar com foco e direcionamento. E Cícera relutou muito para utilizar a câmera, argumentando sempre que não tinha conhecimento suficiente (por não ter estudo, não saber ler e escrever) e acabou produzindo poucas imagens sozinha.

Mulheres, que além de seus nomes cravados na embarcação, também têm fundamental importância na formação social dessa comunidade e que agora ganham novo papel: o de cineastas, como elas mesmas gostam de dizer. Enquanto pescadoras, elas conhecem muito bem seus direitos, considerando que a maioria das entrevistadas é associada à colônia Z-10, possui a carteira de pesca, mas até então não tinha noção da importância de suas histórias – principalmente as que se tornariam filmes e que certamente serviriam de exemplo para tantas outras mulheres e também para as pescadoras, de modo geral.

Essa mesma apropriação é aqui proposta no que diz respeito à re-significação dos códigos audiovisuais que podem gerar expressões e manifestações de cultura em nossa sociedade. Daí a importância da proposta de que as pescadoras de Itapissuma se apropriem desses mecanismos e tecnologias, através das oficinas e atividades propostas nesta pesquisa ação, e tornem-se autoras na construção desse conhecimento sobre o ofício da pesca e os interesses dessa comunidade quando se trata de retratar os problemas do dia a dia.

Desde as primeiras vezes que fui ao cinema, sempre com meus pais e irmão, tudo aquilo parecia encantador. Com o advento do vídeo cassete, o cinema estava dentro de casa e a menina que sonhava em ser artista agora assistia ainda mais a filmes. Mas foi na faculdade que o cinema ganhou novo status. Além da paixão, agora vinha o conhecimento e aos poucos a jovem jornalista já estava trabalhando com produção de cinema, produzindo um festival, escrevendo sobre filmes, ministrando aulas e até se atreveu a produzir seus próprios vídeos.

Agora traz esse conhecimento adquirido ao longo de mais de 10 anos de atividade profissional para compartilhar com suas novas companheiras de trabalho: as pescadoras. A primeira convidada para participar desse projeto é Joana Mousinho, uma liderança que surgiu dentro das atividades da CPP entre as pescadoras de Itapissuma, engajada na luta pelos direitos dos pescadores e pescadoras, ela desenvolve atividades há mais de 15 anos, seja à frente da colônia Z-10, ou envolvida com movimentos populares ⁴¹. Foi Joana também a primeira agente do programa das Promotoras Legais e que, através das oficinas, buscou orientar as mulheres pescadoras do município em questões como a da violência. A própria Joana foi vítima de violência física e por isso tem arcabouços sólidos, construídos ao longo da sua vida, que servem não só de exemplo, mas também como de base para contar tantas outras histórias sobre mulheres e a violência no ambiente da pesca.

Maria José Ferreira, 33 anos, trabalha na colônia Z-10 e durante as visitas à colônia e às conversas durante as oficinas de audiovisual descobrimos sua história de vida tão diretamente ligada à violência de saúde. O exercício da pesca de ostras e mariscos fez com que as pernas de Maria desenvolvessem problemas circulatórios graves e se transformassem em varizes. Essa condição faz da pescadora uma pessoa infeliz com o próprio corpo, pois sente vergonha das marcas nas pernas e se questionar sobre a condição de trabalho em que vivem as pescadoras.

Cícera Maria da Silva, 44 anos, participou de vários encontros na colônia e em um desses momentos procurou esta equipe de pesquisa para se apresentar e dizer que gostaria de contar a história dela. Ela, que pesca peixes com o marido e exerce outras atividades como serviços de limpeza numa escola da cidade, nos revelou durante as entrevistas que era a sua condição social – não saber ler e escrever – que a colocava diante de uma das mais silenciosas expressões de violência: a invisibilidade social.

E foram os relatos dessas três mulheres e pescadoras que buscamos registrar nessa investigação, visto que cada uma delas é mais do que simples personagens, e sim agentes fundamentais na contextualização dessa pesquisa que alia a atividade da pesca à produção audiovisual sob a perspectiva de gênero.

2.2.1 –Outros Personagens

Durante as visitas a Itapissuma e a proximidade com as pescadoras da colônia Z-10 descobrimos novos personagens: os alunos da Escola Eurídice Cadaval. Jovens entre 13 e 15 anos, que já desenvolvem atividade audiovisual (filmando e registrando suas histórias) e que participaram das mesmas oficinas de equipamento, roteiro e produção (oferecidas por esta pesquisadora às pescadoras). Curiosamente descobrimos que muitos dos jovens têm estreita relação não só com a pesca, mas também com nossas personagens, visto que alguns chegam a ser parentes de Joana; Maria que estudou nessa escola até o segundo grau e ainda Cícera que trabalha eventualmente como faxineira na Eurídice Cadaval.

Outro assunto em comum entre as pescadoras e os alunos é a referência ao cinema – sempre citado durante as entrevistas – e ainda a questão da violência. Assim como ocorre com as pescadoras, a violência esta presente no dia a dia desses jovens, que abordam o assunto com imensa naturalidade. Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública do estado, os índices de violência na cidade de Itapissuma atingem, na sua maioria, mulheres e jovens, assim como os resultados obtidos através dos questionários do programa Promotoras Legais, que também veremos mais adiante nessa pesquisa.

Mas durante as oficinas o tema da violência era transcrito em desenhos e textos desenvolvidos pelos alunos. Assim, como no caso das pescadoras, foram exibidos filmes (ou trechos de

filmes), que traziam temáticas ligadas à pesca, às mulheres e ao cinema propriamente dito. Depois das exibições das imagens houve debates (onde os alunos se posicionavam sobre o tema). Posteriormente essas informações se transformaram em roteiro e também em um curta metragem que será produzido e realizado por eles.

Esse contato com os alunos, além de propiciar o melhor entendimento das questões que envolvem a comunidade de Itapissuma, possibilitou-nos uma aproximação com algumas histórias e relatos que só vêm a contribuir para a formação da contextualização dos vídeos que as pescadoras produziram. Sendo assim, criando um elo multidisciplinar, como também é proposto pela metodologia da pesquisa ação. Os primeiros registros produzidos pelas pescadoras foram vistos pelos alunos que também se identificam com a abordagem e instigam a realização e empenho dos vídeos a serem produzidos pelos alunos.

Hino do Pescador

**No meu barco a remar.
Sobre as ondas, pelo mar,
Mesmo na bonança ou no furacão
Não desejo mais parar;
Com a rede vou pescar,
Muitos peixes para o reino de Sião,**

**Vou pescar os pecadores para Cristo,
Neste mundo cheio de horror;
Não mais desanimarei;
Minha rede lançarei;
Muitos peixes apanhando p'ra o Senhor.**

**O meu barco não é bom,
De pescar não tenho dom.
E me dizem que não devo continuar;
Mas Jesus me quis mandar,
E por isso vou pescar,
Té que Ele se apraze em me chamar.**

Autor desconhecido

CAPITULO 3

3.1 A Produção – A metodologia da pesquisa-ação e os questionários do Programa Promotoras Legais Populares.

A metodologia desta pesquisa, que veremos a partir desse capítulo, fundamentou-se na pesquisa ação que, de acordo com Kemmis e McTaggart (1988), significa planejar, observar, agir e refletir de maneira mais consciente, mais sistemática e mais rigorosa do que fazemos na nossa experiência diária. A pesquisa ação visa produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa) e por isso as possibilidades de uso dessa metodologia são muito grandes, é o que afirma Tauk Santos (2008). Optamos por esta metodologia por considerar a eficácia da pesquisa ação junto às atividades desenvolvidas em comunidades, nesse caso a comunidade de pesca do município de Itapissuma.

Vale ressaltar que a pesquisa ação ainda é uma metodologia recente que ainda não possui uma tradição acadêmica cristalizada, por isso vista, por alguns pesquisadores convencionais, como uma atividade menos enriquecida. Porém, segundo Dick (1997), existem situações reais em que a pesquisa ação pode lidar com determinadas dificuldades bem melhor que outras formas de metodologias tradicionais.

Por isso consideramos relevante esta metodologia que define o lugar do pesquisador não apenas como observador, mas em interação com os fatos e as pessoas, assim não se constitui num agente neutro, mas faz parte deles. No caso de Itapissuma, houve no início uma certa resistência das pescadoras para relatar suas histórias. Principalmente porque a abordagem dos pesquisadores trazia à tona questões difíceis, como: as diversas violências praticadas contra elas, tema sugerido pela pesquisa realizada em parceria com o programa das promotoras legais.

Assim, até chegar a esse assunto, foi preciso uma aproximação dos pesquisadores através do conhecimento do dia a dia das pescadoras. Durante várias semanas os pesquisadores estavam dentro das casas e das vidas das nossas três personagens: Joana, Maria e Cícera. Conhecer o

local onde moram, saber como vivem, do que gostam, o que fazem, a relação com a família, os amigos, as atividades que desenvolvem, os sentimentos que estão inseridos nas suas histórias pessoais e ainda o trabalho na maré. Sim, como falar sobre as vidas dessas mulheres sem mostrar a lida com o ofício da pesca? Para isso, estivemos pescando siri com Joana, também catamos ostra com Maria e até jogamos a rede com Cícera.

Essas ações, de acordo com O'Brian (1998), fazem parte dos objetivos da pesquisa ação que incluem a prática dos participantes para a sua melhor compreensão dessa pesquisa. Com isso, garante-se a maior participação dos integrantes desse processo propiciando um maior compromisso com a mudança. Essa intensa participação nos faz refletir sobre as possíveis contribuições de um trabalho de pesquisa numa comunidade. Afinal, o que é que essa pesquisa pode fazer para melhorar a vida dessas mulheres e incentivar a participação delas na reflexão e solução dos seus problemas? No que diz respeito à questão da violência, acreditamos que, através dos relatos para a pesquisa, Joana, Maria e Cícera começaram a pensar melhor sobre esses problemas com que convivem.

Desde a identificação do problema (as violências praticadas contra as mulheres da pesca) que o pesquisador estabelece as possibilidades de ações para solucioná-lo, a partir de princípios epistemológicos que deverão orientar a ação para produzir o conhecimento e a posição dos sujeitos da pesquisa, é o que indica Thiollant (1984). Referente à situação das pescadoras de Itapissuma a identificação do problema surgiu durante os encontros na colônia Z-10, onde aconteciam as oficinas sobre audiovisual realizadas pelos pesquisadores e atividades lúdicas, como: estímulo de desenhos, dinâmicas de grupos e até mesmo conversas informais que apontaram cada uma de nossas personagens (e seus problemas) para participar desta pesquisa.

Mas anterior a essa ação, o conhecimento sobre as questões da violência, em Itapissuma surgiu quando tivemos acesso aos questionários desenvolvidos pelo programa Promotoras Legais, que aconteceu no município, no ano de 2008.

Os mais de 500 questionários estavam armazenados numa caixa, na colônia Z-10, e por falta de recursos para dar continuidade ao projeto não foram sequer analisados. Os questionários⁴² foram aplicados pelas agentes (que fizeram o curso das promotoras na cidade) e que se dispuseram a entrevistar as pescadoras da região abordando aspectos como: grau de

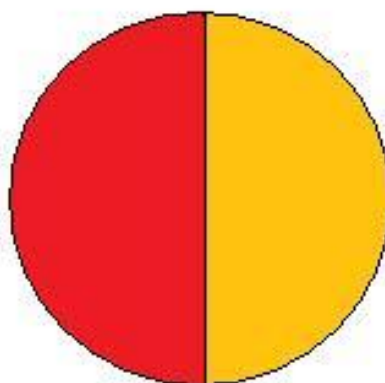
⁴² Modelo questionário em anexo

escolaridade, renda familiar e as questões referentes à violência. Sendo assim, os pesquisadores acreditavam estar diante de informações preciosas – e ainda inéditas – que mereciam um tratamento cuidadoso através da leitura e tabulação dos dados que serão apresentados a seguir.

Quando perguntadas sobre as razões que possivelmente gerariam a violência contra as pescadoras, os números resultantes do questionário apontam dois principais fatores: bebidas e ciúmes.

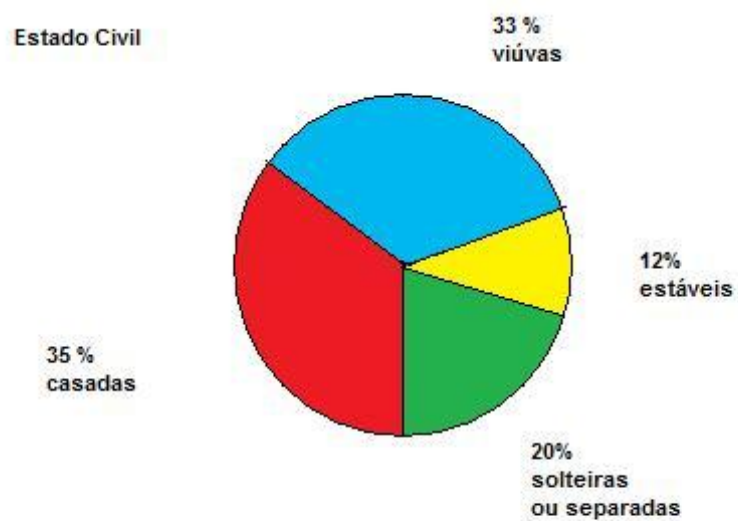
Causas Violência

**50%
bebidas
e drogas**

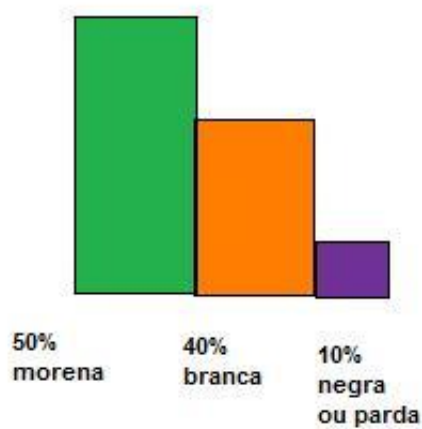


**50%
outros
motivos
(ciúmes,
desemprego,
etc...)**

Para conhecermos melhor o perfil das mulheres que vivem da pesca em Itapissuma tabulamos as perguntas que se referem ao estado civil, cor e religião. No que diz respeito ao estado civil, nossas personagens (Joana, Maria e Cícera) representam bem esses dados, pois cada uma delas encontra-se em uma situação distinta: viúva, solteira e casada. E quanto à cor elas se declaram morena, negra e branca como boa parte das entrevistadas.

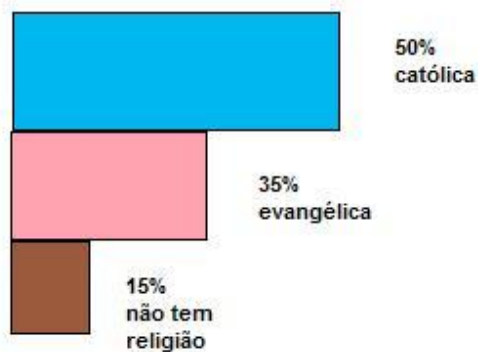


Cor



No que se refere à religião, os dados apresentados pelos questionários também nos ajudam a ilustrar a realidade das nossas personagens e mostram a diversidade de crenças entre as pescadoras. Joana é evangélica; Maria é católica e Cícera se diz sem religião.

Religião

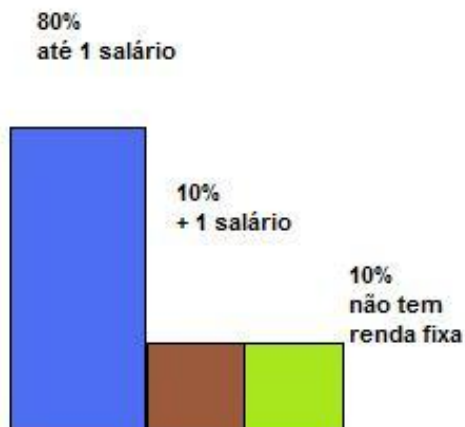


Mas são os dados referentes à atividade de trabalho que nos chama a atenção, visto que a pesca não é considerada (pelos próprios pescadores) como atividade de remuneração e estabilidade. Assim, quando perguntados, sempre dizem estar desempregados. E mesmo que informalmente todos – sem exceção – desenvolvem outras atividades de trabalho para complementar a renda da pesca. Joana está prestes a se aposentar; Maria vende produtos de beleza e Cícera, além de pescar, vende peixe na feira.

Atividade de Trabalho

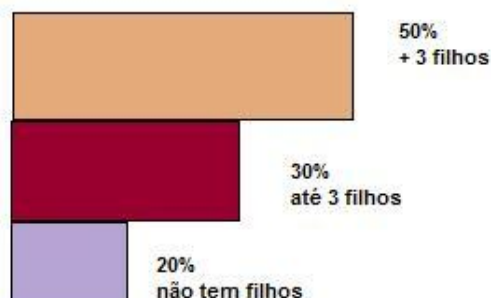


Renda Familiar

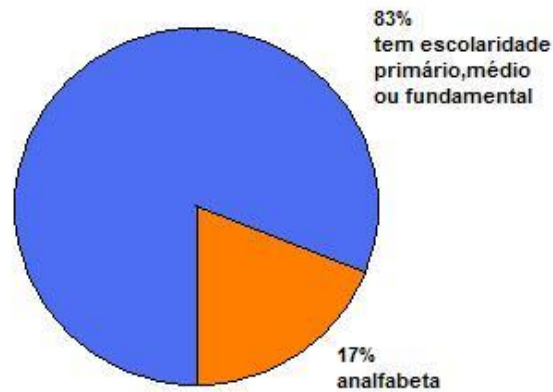


Outro dado importante desses questionários diz respeito à renda familiar das pescadoras que, na maioria das vezes, não chega a 1 salário mínimo. No caso das nossas personagens: Joana tem uma renda extra (pensão de um ex-marido falecido), o que lhe dá uma condição melhor; Maria vive exclusivamente do que produz e passa muita dificuldade por isso (principalmente porque tem 2 filhos pequenos para criar) e Cícera conta com a renda produzida por ela e pelo marido (também por conta da pesca) que lhe assegura uma condição diferenciada junto às demais pescadoras. Em comum, elas têm filhos (pequenos, crescidos, que dependem ou não delas) e que vivem outra realidade quanto ao futuro de suas atividades profissionais, pois não querem ser pescadores – na maioria dos casos.

Filhos

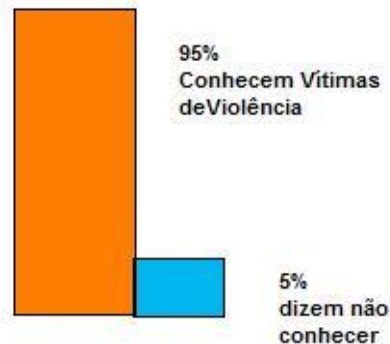


Escolaridade



Quando se trata de escolaridade as realidades também são distintas entre as pescadoras e também entre as nossas entrevistadas: Joana e Maria são alfabetizadas (assim, como 83% das entrevistadas) e 17% entre todas elas sabem ler e escrever, como Cícera.

Vítimas Violência



Mas são os dados referentes à violência que constata a importância dessa pesquisa que aborda as diversas formas de poder praticadas contra as pescadoras, visto que 95% das entrevistadas dizem conhecer vítimas desse mal, em especial a violência física- tão presente na comunidade de Itapissuma.



E assim como previsto, diante dos relatos das pescadoras e também através dos dados oficiais, são as mulheres e as crianças que mais sofrem com as questões da violência. Por essa razão o desenvolvimento de uma pesquisa onde essa realidade seja abordada se faz de extrema relevância e esperamos aqui contribuir para uma melhor compreensão do tema.

E após a análise dessas informações, pautamos, junto às pescadoras de Itapissuma, os assuntos a serem retratados pelos vídeos participativos produzidos por esta pesquisa ação. Os assuntos naturalmente escolhidos, desde as conversas na colônia ou através da aproximação com as pescadoras, tinham em comum a violência, nesse caso dividida em três modalidades: física, doença e social. Para efeito de pesquisa, escolhemos três personagens que, curiosamente, tivessem histórias para contar a respeito dessa temática. Eis que surge a dúvida: afinal, como escolher um só relato diante de tantos, visto que as violências físicas, de saúde, e social são comuns entre a maioria das pescadoras de Itapissuma?

Nessa etapa da pesquisa buscamos ouvir todos esses relatos e selecionar, seguindo a sugestão das próprias pescadoras, as histórias que melhor representassem essas causas tão comuns às mulheres da pesca. Durante um dos encontros, na colônia Z-10, um grupo de pescadoras logo lembrou da importante história de vida de Joana Mousinho (que além de já ter liderado a colônia e ter intensa atividade ao lado de entidades e órgãos referentes ao ofício da pesca, também tinha vivido experiências pessoais no que diz respeito à violência física). Nossa

segunda personagem, Maria, relutou muito até aceitar participar do processo de pesquisa, pois se dizia tímida e não acreditava que sua história de vida – com sérios problemas de saúde causados pela pesca – poderia não só interessar a alguém como ajudar a modificar a vida de outras pescadoras. Finalmente, havíamos encontrado Cícera que durante os encontros logo se prontificou a contar sua história e demonstrava tamanho interesse em fazer parte deste projeto.

Para Richardson (2003), a diferença fundamental entre a pesquisa ação e as formas convencionais de investigação está nos objetivos. Na pesquisa ação a ideia central é melhorar e envolver para produzir mudanças operacionais. Portanto, um aspecto crucial da pesquisa ação é a participação das pessoas que vivem na situação pesquisada ou que podem ser afetadas pelos resultados da ação, assim como as pescadoras da colônia Z-10. Quanto à participação é preciso que não haja lacunas na comunicação dos participantes da pesquisa onde todos devem ser igualmente ativos, devem expor suas próprias opiniões e assumir as devidas responsabilidades. Nesse sentido, segundo Dick (1997), o papel do pesquisador é muito importante e deve ser como o de um mediador ou facilitador. Nesse caso, tentamos exercer esse papel num sentido ainda mais amplo, pois, o direcionamento desta pesquisa foi conduzido conjuntamente com as pescadoras cabendo aos pesquisadores viabilizar o registro dessas histórias.

Problema identificado, aproximação feita e personagens e histórias escolhidos era a vez de dar início a outra atividade da pesquisa, ou seja, ao processo de filmagem (um resultado concreto para as pescadoras e para o ambiente científico). Desde as conversas com as pescadoras, na colônia, que foram introduzidas às primeiras noções sobre audiovisual: através da exibição de filmes e realização de debates sobre os temas abordados, o contato com equipamentos de filmagem e a utilização desse recurso para realização deste trabalho. Por se tratar de um trabalho documentário não é possível prever a criação de um roteiro, visto as implicações que um documento necessita por estar diretamente aliado ao registro do cotidiano. De acordo com Xavier (2008) o discurso cinematográfico atribui ao formato do documentário não só a realidade, como a criação de uma realidade, assim como a que esta pesquisa se propôs a realizar através dos vídeos sobre as vidas de Joana, Maria e Cícera.

3.2 A Direção - As pescadoras se transformam em cineastas



Figura 11 – Joana Mousinho com a câmera na mão

Seguindo algumas orientações dos conceitos cinematográficos de Puccini (2009), sobre roteiro para documentário, onde ele afirma serem necessárias todas as etapas de produção como num filme de ficção (pesquisa, argumento, pré-produção, entre outros.), buscamos dar a câmera a quem de fato comandaria as imagens, nesse caso as pescadoras: Joana, Maria e Cícera. Para isso, além do domínio técnico, que nesse caso fica explícita a dificuldade das diretoras em manusear o equipamento, era preciso organizar as ideias no que se refere à roteirização das imagens a serem captadas.

Se para um cineasta profissional a economia se faz necessária quanto à produção (não poder filmar várias vezes uma mesma tomada), no caso específico das pescadoras a economia se reflete aqui na escassez de tempo e disponibilidade das pescadoras-diretoras. Sendo assim, muitas das imagens produzidas por elas, mesmo que sem qualidade técnica foram levadas em consideração por se tratar dos registros fiéis e genuínos dessas mulheres diante das suas realidades de vida – sem direito a cortes ou reprodução de novas imagens.

Por isso, ao filmar um documentário – como essa experiência paralela à atividade de pesquisa ação - não houve uma preocupação prévia em determinar essa ou aquela imagem, e sim acompanhar (através de entrevistas) os relatos das nossas personagens e, a partir disso, ilustrar suas próprias histórias com as imagens do seu dia a dia. Para Collomb (1995), esses registros nada mais são do que imagens do outro - imagem de si e estão diretamente vinculados aos

atuais estudos da antropologia visual, assim como a experiência vivida por ele com as culturas ameríndias na América do Sul que sempre tiveram imagens equivocadas dessas comunidades.

O mesmo ocorre com as pescadoras, que até então tinham suas imagens sempre condicionadas a questões pré estabelecidas (e muitas vezes preconceituosas), como a relação de preguiça e mentira sempre atribuídas aos pescadores. Assim, esse olhar – oriundo das próprias pescadoras – certamente contribui para a desmistificação desses conceitos. E o papel das pescadoras-diretoras é de fundamental importância. O orgulho, a motivação e qualquer outro fator que interfira nesse processo de transformar essas mulheres em produtoras de audiovisual, já justifica qualquer esforço e objetivo dessa pesquisa.

Durante as filmagens observamos que Joana, além da pesca, exerce importante papel na comunidade pesqueira local. Seu envolvimento com movimentos sociais e políticos a diferencia e faz com que sua atuação seja significativa enquanto representante dos pescadores de Itapissuma. Essa realidade aliada à história de vida de Joana (tão fortemente ligada às questões de violência física) faz dela uma liderança natural no município. Joana, que já exerceu outras atividades profissionais (chegando até a exercer cargo público – secretária de pesca - na prefeitura da cidade, em outra gestão) agora volta a se dedicar a colônia Z-10. Ela foi eleita, mais uma vez, presidente da colônia, em dezembro de 2009, com 150 dos 220 votos válidos de sócios cadastrados onde exerce essa função até o ano de 2012.

Maria, que tanto relutou para participar dessa pesquisa, nos apresentou as dificuldades de atuar enquanto profissional da pesca o papel de mãe, além dos sérios problemas de saúde que a vitimam. Ela também busca exercer outras atividades profissionais, como venda de produtos de beleza, para conseguir renda suficiente para manter os dois filhos (ainda menores) que cria sozinha sem o auxílio de uma figura masculina. Maria nos mostra aspectos diretamente ligados às histórias de tantas outras mulheres contemporâneas (sejam elas pescadoras ou não) que é o de assumir total responsabilidade pelo gerenciamento familiar através da sua atividade profissional. E todas essas dificuldades refletem no pensamento dela no que diz respeito ao futuro das novas gerações – filhos de pescadores – que não querem dar continuidade a essa realidade e buscam novos caminhos de trabalho.

Ao retratar o dia a dia da vida da pescadora Cícera, a câmera nos mostra uma mulher que, apesar da violência da invisibilidade social (o fato de não saber ler, de não ser valorizada enquanto pescadora), se apresenta muito atuante na sua atividade de trabalho e também na sua consciência enquanto cidadã. Nem mesmo os problemas e dificuldades deixam Cícera

abalada ou entristecida. Ela, que encontra no marido apoio e segurança, também demonstra imensa preocupação com outras questões referentes à atividade pesqueira, como o meio ambiente. A cada ida para a maré, Cícera traz além dos peixes sacolas cheias de lixo que é despejado em pleno Canal de Santa Cruz. Essa é uma tentativa de contribuir para a melhoria das condições das águas e assim exercer seu papel visível na sociedade.

Assim, através desses relatos e imagens as pescadoras-cineastas dão novas leituras às suas próprias realidades. Realidade essa que por vezes parece fragmentada, por conta da diversidade de histórias, mas que se apresentam únicas, singulares e de extrema importância na valorização da mulher atual. Todos os conflitos, aqui apresentados, partem de uma característica individualizada (por retratar cada uma dessas mulheres e suas histórias) e seguem rumo ao coletivo, visto que tratam de realidades de interesses gerais a qualquer classe trabalhadora, origem social e até mesmo gênero e raça. Por isso, daremos voz e imagem a essas mulheres que além da maré também contam histórias.



Figura 12 - Nazaré, Praia de Pescadores

O filme ilustra a vida e hábitos dos nazarenos, os pescadores da praia da Nazaré (Portugal), que se distinguem pela sua indumentária e hábitos tradicionais. O mar e o seu duro modo de vida são os temas centrais. Mostra ainda suas práticas artesanais, barcos a remos e redes de pesca, adaptadas às condições naturais de um lugar em que a vida não é fácil. Com direção de José Leitão de Barros, o filme contém implicitamente a ideia de antropologia visual na sua abordagem humana mas tem muito de retrato turístico. Nazaré, Praia de Pescadores estreou em Lisboa no cinema São Luiz, a 23 de Janeiro de 1929

CAPITULO 4

Neste penúltimo capítulo a pesquisa divide-se em duas partes denominadas aqui de: Diário de Filmagem (onde descrevemos o dia a dia da pesquisa e todos os registros fílmicos realizados) e a Edição (que nos apresenta os resultados da pesquisa, conclusões e também os desdobramentos).

São muitas as informações e vivências durante a realização dessa pesquisa com as mulheres pescadoras de Itapissuma. Durante o período de agosto de 2008 a Fevereiro de 2010 foram desenvolvidas diversas atividades, sendo impossível relatar todas as experiências nesse processo de pesquisa ação. Por isso, um relato em forma de diário de filmagem nos pareceu o mais apropriado, para não deixar aspectos importantes serem silenciados ou esquecidos.

A trajetória dessa pesquisa não aconteceu de maneira linear, visto que – apesar de todo planejamento previsto – mesmo se tratando de um documentário que busca retratar os fatos como eles realmente são, sem qualquer produção prévia, tivemos algumas dificuldades, como o agendamento com as nossas personagens, devido aos seus afazeres pessoais que nem sempre coincidiam com a disponibilidade dos pesquisadores.

Pois, apesar do constante contato entre as partes – assim como sugerido pela metodologia da pesquisa ação que fundamentou o desenvolvimento dessa pesquisa - era preciso um consenso de horários e datas para a realização das filmagens e entrevistas. E essa foi, certamente, a maior dificuldade da pesquisa, visto que estávamos lidando com as histórias pessoais das pescadoras e precisávamos respeitar o momento e disponibilidade de cada uma delas.

Outra dificuldade foi a etapa de pós produção, pois com mais de 40 horas de imagens produzidas e muitos textos-referências e informações parecíamos estar diante de um imenso quebra-cabeças. E para compreender esse universo da pesca é que os pesquisadores fizeram questão de participar ativamente de todo o processo da investigação, desde as filmagens em Itapissuma, os eventos ocorridos na cidade do Recife, até o acompanhamento das conferências de pesca (em Brasília) e os congressos (Curitiba e São Paulo) onde os vídeos – frutos dessa pesquisa – foram exibidos.

A apresentação dos resultados preliminares desta pesquisa, através das exposições dos vídeos, em eventos e congressos contribuiu na ampliação e definição do objeto em estudo, por meio

de diversos olhares de pesquisadores de diferentes regiões e formações que sempre demonstraram interesse pela temática da pesquisa: gênero, pesca e cinema. E ainda o aceite nos recentes eventos internacionais (Programa Talent Campus-Argentina e Congresso de Antropologia-Espanha) também contribuiu na nossa percepção de que a metodologia da pesquisa ação, aqui desenvolvida, havia realmente gerado resultados coerentes e de relevante importância fora do contexto acadêmico.

Tentamos, na medida do possível, acompanhar Joana, Maria e Cícera nos mais diversos momentos de suas vidas e por isso estivemos tantas vezes em suas casas, no seu ambiente de trabalho ou em qualquer outro local que estivessem presentes e que pudesse enriquecer nosso trabalho. Mas não nos limitamos às pescadoras, visto que também entrevistamos outras personagens fundamentais para a realização dessa pesquisa, como: Irmã Nilza, Professora Regina Célia (Promotoras Legais), Severino Bill (Pastoral dos Pescadores) e o atual Prefeito de Itapissuma. Cada um deles contribui com dados e informações pertinentes para essa pesquisa de acordo com o diário de filmagens descrito a seguir.

4.1 Diário de Filmagem

Agosto 2008	Etapa de pré produção. Primeiros contatos com Joana, após algumas visitas a colônia - onde desenvolvemos atividades para disciplina do mestrado – para então dar início às filmagens. Ela demonstra interesse em participar, parece disponível e agora aguardaremos a data que ela poderá nos receber.
Setembro 2008	Chegamos à colônia Z-10, em Itapissuma, para entrevistar Joana e ensiná-la a utilizar a câmera de vídeo. Atividade realizada com os alunos do curso de Cinema Digital da Faculdade Mauricio de Nassau; Joana filma a colônia, um cartaz de Lula exposto no armário e ainda o local que ela diz mais gostar na cidade: o canal de Santa Cruz, onde faremos a primeira entrevista com ela;

	<p>Entrevistamos Joana que fala sobre o ofício da pesca, quando começou ainda menina entre as dificuldades. Destaca-se o fato de que ela não sabe nadar, apesar de conviver cotidianamente com água do rio, do mangue e do mar, e ainda a sua relação com o cinema (visto que gosta de filmes de ação e sonhava, quando jovem, viver um romance como o que ela via nos filmes).</p>
Outubro 2008	<p>Visitamos a colônia Z-10, mais uma vez, para acompanhar uma reunião com as pescadoras. Primeiras conversas sobre a pesquisa; oficina de integração lúdica para tentar descobrir personagens, assuntos e interesses das pescadoras;</p> <p>Descobrimos Maria e sua história de vida ligada à violência que envolve a saúde pública no Brasil, mas – inicialmente - ela não se interessa em participar da pesquisa.</p> <p>Tentativa de filmar Joana na maré, mas não conseguimos por conta da sua agenda, pois participaria de eventos fora de Itapissuma.</p>
Novembro 2008	<p>Foram realizadas outras visitas a Itapissuma, onde conhecemos outros pescadores, tivemos contato com os alunos da Escola Eurídice Cadaval (filhos e netos de pescadores) que também desenvolvem atividades com audiovisual.</p>

Fevereiro 2009	<p>Retomada da etapa de produção do projeto, nova visita a colônia Z-10. Pesquisa de documentos e filmagem de fotos; carteiras de pescadores; entrevista com outros membros da diretoria da colônia.</p> <p>Entrevista com Irmã Nilza, ex-líder da pastoral dos pescadores que atuou em Itapissuma até os anos 80 e que hoje vive em João Pessoa-PB.</p>
----------------	--

	<p>Primeiras conversas informais com Maria, que nos conta sobre sua história de vida.</p> <p>Edição Imagens (primeiro vídeo Joana)</p>
Março 2009	<p>Filmagem do evento em comemoração ao Dia das Mulheres, na colônia Z-10, com a presença das pescadoras e participação de alunos e professores da UFRPE</p> <p>Exibição do primeiro vídeo produzido sobre Joana.</p> <p>Descobrimos Cícera que se apresentou e disse que gostaria de nos contar sua história e participar da pesquisa.</p>
Abril 2009	<p>Chegamos a Itapissuma para acompanhar Joana, indo à maré; acompanhamos a pesca do siri durante todo o dia. Nesse momento, Joana também conversou, contou histórias e trechos da sua vida e também utilizou a câmera para mostrar o seu trabalho.</p> <p>Registro do lançamento da cartilha- Pesca & Gênero – na Livraria Cultura (Recife) que contou com a presença de Joana, Maria e outras pescadoras de diversas colônias, inclusive da Bahia, do Rio Grande do Norte e da Paraíba.</p>
Mai 2009	<p>Entrevista com Maria sobre o ofício da pesca, as atividades que desenvolve na colônia, a importância da carteira de pesca e ainda sobre a família, filhos e a solidão.</p> <p>Registro da oficina de audiovisual, na colônia Z-10, onde exibimos filmes curta metragens (com temáticas diversas) e promovemos um debate para tratar da importância do registro audiovisual, assim como gostaríamos de fazer com as pescadoras.</p> <p>Filmagem de Cícera na sua banca de peixe, na feira, aos sábados, na cidade de Abreu e Lima, onde trata e vende os peixes que pesca.</p> <p>Filmagem do evento 30 anos da carteira profissional das pescadoras (UFRPE) que contou com a presença de Joana e Maria.</p>

Junho 2009	<p>Registro da Conferencia Estadual de Pesca (Mar Hotel – Recife), onde acompanhamos a participação de Joana e outras pescadoras.</p> <p>Registro do evento em comemoração ao dia do pescador (29 junho) realizado na colônia Z-10, em Itapissuma.</p>
Julho 2009	<p>Filmagem da nova baiteira de Joana. Vimos como se produz uma baiteira e a importância dela para o trabalho do pescador.</p> <p>Registro do almoço oferecido à equipe desta pesquisa, e produzido pelas pescadoras na colônia Z-10. Filmagem da reunião com as pescadoras sobre a próxima eleição para presidência da colônia e demais assuntos de interesse dos associados.</p>
Agosto 2009	<p>Chegamos a Itapissuma para acompanhar Cícera pescando em companhia do marido. Nesse momento ela fala da relação da pesca com a família dela.</p> <p>Registro da oficina de gênero, Gente da Maré, em Mossoró-RN + Exibição do vídeo de Joana.</p> <p>Filmagem de mais uma reunião, na colônia Z-10, onde continuamos com o processo de aproximação com as pescadoras, dessa vez tentando escrever e construir os roteiros dos vídeos a serem posteriormente desenvolvidos.</p>
Setembro 2009	<p>Registro da participação desta pesquisa no Intercom, em Curitiba, onde também foi exibido o vídeo de Joana.</p> <p>Presença nas Conferencias Nacionais de Pesca (oficial e paralela), em Brasília, onde acompanhamos a participação de Joana e outras pescadoras.</p> <p>Imagens do ministro da pesca e das tribunas realizadas na ocasião.</p>
Outubro 2009	<p>Registro do evento Jepex (na UFRPE) onde participamos com apresentação de artigo e banner, sobre a pesquisa com as</p>

	<p>pescadoras de Itapissuma.</p> <p>Qualificação desta pesquisa e a sugestão de um novo direcionamento para as questões da violência, saúde e social. Retomado o contato Maria e Cícera para novas filmagens.</p>
Novembro 2009	<p>Finalmente conseguimos marcar a visita a casa de Joana. Mais uma vez ela pega a câmera e começa a nos apresentar a sua casa, sua vida e suas histórias;</p> <p>Entrevista com Joana sobre a questão da violência, pela qual ela já passou e ainda o que espera do futuro, o que gostaria de fazer.</p> <p>Acompanhamos a ida de Maria para a maré para pescar ostra e vimos a dificuldade desse ofício, Maria filmou algumas pescadoras na beira do canal e também conversou com outras pescadoras.</p>
Dezembro 2009	<p>Filmagem na casa de Cícera que filma a família e nos conta sobre a violência social pela qual acredita que as pescadoras passam por conta da desvalorização do ofício da pesca. Passamos um dia e uma noite com a família para melhor conhecer o dia a dia da pescadora.</p> <p>Entrevista com o prefeito de Itapissuma que nos fala sobre as políticas desenvolvidas no município e que estejam direcionadas ao pescador.</p> <p>Registro da participação, dessa pesquisa, no congresso Compólitica –PUC São Paulo + Exibição do vídeo de Joana.</p>
Janeiro 2010	<p>Visita a casa de Maria onde ela teve contato com a câmera de vídeo, filmou sua casa e seus filhos, contou histórias sobre a pesca e as dificuldades com as questões de saúde.</p> <p>Filmamos a ida ao cinema de Maria com os filhos.</p>

	<p>Filmagem da busca de São Gonçalo (maior festa de Itapissuma), onde o filho de Maria participa como coroinha na procissão;</p> <p>Entrevista com Bill (Pastoral dos pescadores) sobre a relação da pastoral e os problemas e dificuldades do pescador artesanal, questões como saúde, violência.</p>
Fevereiro 2010	<p>Etapa final – Captação de Imagens complementares (da cidade de Itapissuma, de pescadores, entre outros.)</p> <p>Edição das imagens e produção final dos três vídeos que integram essa pesquisa.</p>



Figura 13 – Silvana Marpoara filmando Joana Mousinho

4.2 A Edição – Resultados da pesquisa, conclusões e desdobramentos

4.2.1 – Resultados da Pesquisa

Apesar de muitas vezes a Produção Audiovisual ser considerada apenas como entretenimento, consideramos que a primeira contribuição desta pesquisa foi conceber uma aplicação prática desses recursos enquanto ferramenta de registro sócio-cultural das pescadoras de Itapissuma, pois até o momento não havia uma sistemática de documentação, em vídeo, sobre essas comunidades e muito menos sobre as questões aqui abordadas, como as violências físicas, referentes à saúde e também quanto a invisibilidade social.

Outra contribuição se refere à utilização da abordagem metodológica da pesquisa ação na realização dos vídeos documentários, produzidos pelas próprias pescadoras, que contribuem para a discussão das questões de gênero e violência vividas pelas personagens dessa pesquisa.

Os vídeos documentários – produzidos durante essa investigação – contribuíram para a identificação e discussão dos diversos problemas da violência contra as mulheres pescadoras e, com isso, agregando valores para a desconstrução da ideia de invisibilidade pela qual essas mulheres e seus problemas passam.

Tal registro, um verdadeiro percurso etnográfico, resulta num diagnóstico sobre as condições de vida dessas mulheres hoje e que só tem a contribuir para os estudos sociais no que se refere às questões de gênero e da atividade da pesca e também das pesquisas sobre o audiovisual.

4.2.2 – Conclusões

O objetivo desta pesquisa foi revelar, através da produção de vídeos documentários, as questões de gênero e as diversas violências no contexto da pesca artesanal. Sendo assim, ele foi alcançado por meio da realização dos vídeos, produzidos pelas próprias pescadoras, que contribuem para a discussão do tema e das implicações envolvidas nesse assunto.

Vale ressaltar a importância do recurso audiovisual (enquanto registro das histórias das mulheres da pesca) e também enquanto ferramenta pedagógica, além da valorização do papel da mulher pescadora e a compreensão das questões de gênero e as diversas violências, aqui apresentados.

Porém, não se pode ser conclusivo quanto à influência do audiovisual no dia a dia dessas pescadoras que, a partir de agora conhecem a ferramenta (a câmera) e precisam saber utilizá-la para dar continuidade à ação aqui iniciada. Podemos observar que o audiovisual tem sim enorme referência na vida das nossas três personagens, pois, desde o gostar de assistir filmes ou não, ter lembranças de histórias e personagens que tenham marcado suas vidas, até a noção de que a câmera pode ser utilizada como instrumento de denúncia, tudo isso faz parte da significação do cinema para elas.

Com isso, as pescadoras se sentem protagonistas no desenvolvimento da pesquisa e não distanciadas numa posição de informantes passivas ao processo de desenvolvimento da investigação científica. Esse é o novo olhar que elas terão de sua própria história a partir do que elas relataram e priorizaram como foco desta pesquisa, fazendo assim com que compreendam o verdadeiro sentido do que é um documentário e de como é fazer parte dele.

Na análise dos dados da pesquisa, resultado dos questionários aplicados pelo programa Promotoras Legais, constatamos que os índices de escolaridade, atividade de trabalho, número de filhos, estado civil e tantas outras questões só vieram a contribuir para a aproximação e para melhor compreensão da realidade das mulheres aqui retratadas.

Assim como a relação dessas mulheres com os recursos audiovisuais, que sempre remete às suas realidades e fantasias, os resultados dessa pesquisa (por conta do envolvimento com o cinema) já se mostram tão diferentes desde o início desta investigação. As pescadoras têm

sonhos e expectativas de vida distintas que aproximam a atividade da pesca à produção audiovisual. Afinal, dizem que o pescador e o cineasta compartilham de um mesmo gosto: a boa conversa, assim como podemos presenciar durante esta pesquisa.

É importante ressaltar que o cinema trabalha o imaginário e o real, estampa na tela grandes histórias da ficção e realidade e instiga o sonho e a fantasia de homens e mulheres, seja lá em que contexto sócio-cultural em que vivam. Assim, podemos atribuir ao recurso audiovisual, e a essa experiência, a satisfação das mulheres pescadoras de Itapissuma diante das suas histórias de vida retratadas na tela grande.

Foi através dos registros audiovisuais produzidos por Joana, Maria e Cícera que descobrimos as questões das violências aqui apresentadas e que deram início a essa pesquisa. Posteriormente, outros assuntos que fazem parte do dia a dia das nossas personagens acabaram sendo introduzidos aos vídeos e vindo a contribuir para a compreensão das histórias de vida dessas mulheres.

Descobrimos, por exemplo, que a maioria das pescadoras da colônia Z-10 não sabe nadar, que Joana precisava de uma nova baiteira para continuar a exercer seu ofício com segurança, ou ainda que os filhos de Maria gostariam de ir ao cinema e que Cícera não sabe ler e escrever.

Também soubemos de alguns desejos e vontades dessas mulheres que acreditamos, através desta pesquisa, ser possível de realizar, tais como: a reforma da colônia de pescadores, a realização de cursos e oficinas profissionalizantes, o pronto atendimento de saúde para as pescadoras, a criação da delegacia de mulheres na cidade e ainda proporcionar visibilidade ao mundo das pescadoras e mostrar as lacunas nas políticas públicas voltadas para essas trabalhadoras

Impossível esquecer o encantamento de Joana quando pegou a câmera, pela primeira vez, o estranhamento de Maria que relutou em participar dessa pesquisa e a alegria de viver de Cícera, mesmo sem qualquer familiaridade com a câmera. Cada uma dessas histórias de vida conseguiu ultrapassar os limites territoriais do município pernambucano e foram exibidas em mostras, congressos e eventos que tratassem de gênero, pesca ou audiovisual e foram recebidas sempre com surpresa e curiosidade, o que já nos faz acreditar que toda a generosidade das nossas personagens (ao contarem suas histórias) e o esforço dessa equipe de pesquisa tenha valido a pena.

Termo esta pesquisa com a certeza de que muitas descobertas de novas histórias e realidades ainda estão por vir. E que este é só o começo de reflexões a respeito das violências praticadas contra a mulher pescadora. E assim como o final de um filme encerro esse roteiro com a perspectiva de novas imagens deste rico e complexo universo das relações de gênero e violência tão presentes em nossa sociedade.

4.2.3 – Desdobramentos

Esperamos, através dessa pesquisa, ter a oportunidade de incorporar as informações aqui obtidas a um sistema de atividades e ações que certamente serão realizadas posteriormente em benefício das mulheres pescadoras de Itapissuma.

Pretendemos também dar continuidade a esse projeto de pesquisa, no que diz respeito à produção audiovisual em comunidades pesqueiras. Assim como a utilização desse recurso como ferramenta pedagógica e de registro sócio-cultural que só venham a contribuir com as comunidades visitadas por essa equipe de pesquisadores.

Pensando nisso, listamos a seguir, todas as atividades já realizadas (exibição dos vídeos documentários, produção de textos e artigos, participações em mostras, congressos e eventos) assim como as ações já encaminhadas (que estejam prestes a acontecer) e ainda as demais atividades que foram sugeridas pelas pescadoras, a partir dos encontros, na colônia Z-10, para desenvolvimento dessa pesquisa.

Exibição Vídeo Pescadoras	Data e Local
Evento Dia das Mulheres	Colônia Z-10, Itapissuma (março 2009)
Lançamento Cartilha Gênero	Livraria Cultura, Recife (março 2009)
Evento 30anos carteira de pesca	UFRPE (março 2009)
Evento 40 anos ensino	UFRPE (junho 2009)
Oficina Gente da Maré	Mossoró, RN (agosto 2009)
Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	Curitiba, PR (setembro 2009)
Conferência Nacional Pesca	Brasília (outubro 2009)
Compolitica – Congresso de Comunicação e Política	PUC São Paulo (dezembro 2009)

Artigos & Publicações

Artigo: PRODUÇÃO DA CULTURA NA PESCA DE ITAPISSUMA

Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas / CALLOU, Ângelo Brás; TAUKE, Maria Salett; GEHLEN, Vitória Régia (Organizadores) – Recife: 2009

Artigo: PRODUÇÃO DA CULTURA NA PESCA DE ITAPISSUMA

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom 2009 – PR

Artigo: MULHERES DA PESCA E DO CINEMA UM EXPERIMENTO CINEMATOGRAFICO NO MUNICIPIO DE ITAPISSUMA - PE

Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão - Jepex 2009 – UFRPE

COMUNICAÇÃO & CINEMA COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL – UMA PROPOSTA COM AS PESCADORAS PERNAMBUCANAS

Congresso de Comunicação e Política - Compolitica 2009 – PUC São Paulo

Artigo: PRODUÇÃO DA CULTURA NA PESCA DE ITAPISSUMA Connepi – Belém

Próximas Participações (textos, vídeos,palestras)

Projeto Cultura & Pensamento – Debate sobre comunidades a produção audiovisual em comunidades de pescadores,quilombolas e indígenas (aguardando resultado de edital)

Talent Campus (Buenos Aires) – Participação da pesquisadora em Oficina de Documentário, através da seleção do vídeo sobre as pescadoras de Itapissuma, entre mais de 500 participantes (abril 2010)

Congresso de Antropologia (Barcelona) – Envio de vídeo e exibição no link <http://www.youtube.com/user/Congresantropolousal?feature=mhw4> (abril 2010)

Mostra Universitária Miau – GO (Exibição na Mostra Oficial – maio 2010)

Ass. latinoamericana Sociologia Rural – Alasru (aguardando resultado)

Socine (Congresso de Cinema) - UFPE (artigo e vídeos já enviados)

Congresso Fazendo Gênero - SC (aguardando resultado)

Congresso Internacional Educação – RS (aguardando resultado)

Revista Centro Estudos Sociais – Coimbra

Revista Intercom

Revista Comunicação, Mídia e Consumo (ESPM)

Revista Contemporânea – UERJ

Revista de Comunicação – Universidade São Caetano do Sul

Revista Intexto – UFRGS

Revista Interface – UNESP

Dizem que o pescador e o cineasta compartilham de um mesmo gosto: a boa conversa...

Um conta seus “causos”, por vezes inventa, e acaba fazendo dessas pequenas histórias enredo digno de um roteiro cinematográfico.

O outro escuta e observa tantos outros “causos”, que acaba transformado textos e personagens em filmes.

Em comum eles têm o imaginário, a representação da realidade, o sonho e a riqueza de histórias e imagens que fazem parte do seu dia a dia.

Silvana Marpoara

REFERÊNCIAS – Luz, Câmera, Ação

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BARBERO, Jesús Martin. *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997

BARRETO, Jorge Paes; GALVÃO, Tácito L. *Itapissuma sua história, sua gente*. Recife: Prefeitura de Itapissuma, 2005.

BEAUVOIR, Simone. *A história do sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BERNARDET, Jean Claude. *O que é Cinema?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O capital Social- Notas provisórias*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

CALLOU, A.B.F. *A Voz do Mar*. São Paulo: USP, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p-51/100.

CARTA DE PRINCÍPIOS DAS PROMOTORAS LEGAIS POPULARES

Disponível em: <http://www.promotoraslegaispopulares.org.br>. Acesso em: 20/07/2008

CARTILHA PROMOTORAS LEGAIS POPULARES. *Um projeto de cidadania com sexo, raça / etnia, orientação sexual e classe social*. Disponível em:

<http://www.promotoraslegaispopulares.org.br>. Acesso em: 20/07/2008

CARTILHA Diagnóstico sócio econômico da pesca artesanal do litoral de Pernambuco. Instituto Oceanário de Pernambuco- Recife, 2009.

CARVALHO, Edgar de Assis. *Cinema, educação e Sociedade*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural – O direito à Cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

- COLLOMB, Gerard. *Imagens do outro, imagens de si – cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.
- COOK, Rebecca. *Human Rights of Women, National and International Perspectives*. University of Pennsylvania Press, 1994.
- DICK, Bob. *Approaching an action research thesis: an overview*. Disponível em: www.scu.edu.au/school/gcm/ar/arp/phd.html. 1997
- DIONNE, Hugues. *A pesquisa ação para o desenvolvimento local*. Brasília: Ed. Liber Livro, 2007.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.
- FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FIGUEIROA, Alexandre. *Cinema Pernambucano – uma história em ciclos*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988
- GALENO, Alex et al. *Brasil em Tela – Cinema e Poéticas do Social*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano Faculdade Candido Mendes, 2000.
- LEITÃO, M. R. F. A et al. Gênero, Identidade e Extensão Rural. In: *Extensão Rural, Extensão Pesqueira, experiências cruzadas*. Recife: FASA, 2008, pp 163-170.
- LEITÃO, Maria do Rosário Andrade (org.). *Gênero e pesca: o papel da mulher no desenvolvimento local*. Recife: Editora FASA, 2008.
- LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero e políticas públicas na pesca artesanal de Itapissuma. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes; TAUKE SANTOS, Maria Salett; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes (Orgs.). *Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas*. Recife: FASA, 2009.

- LOPEZ, I; SIERRA, B. *Integrando el análisis de género en el desarrollo*. Manual para técnicos en cooperación. Madrid: AECI, 2001.
- MACHADO, Leda Maria Vieira. *A incorporação de gênero nas políticas públicas*. São Paulo Ed. Annablue, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). In: MARTINS, Francisco Menezes. SILVA, Juremir Machado da. *A Genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MARPOARA, Silvana. *Produção da Cultura na Pesca de Itapissuma – Comunicação, Gênero e Cultura em Comunidades Pesqueiras Contemporâneas*. Ed.FASA.Recife, 2008
- METZ, Christian. *A Significação do Cinema*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Construção da Identidade da Antropologia na área da saúde – Antropologia da Saúde*. Rio de Janeiro :Editora Fiocruz., 1998.
- MOTTA-MAUÉS, M.A. *Pesca de Homem / Peixe de Mulher(?)*: repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. Revista Etnográfica, Vol. III, 1999, p. 377-399. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-400_.pdf.
- Acesso em: 21.07.2008.
- NARVAZ, Martha Giudice e KOLLER, Silvia Helena. *Famílias, gênero e violência – Violência, Gênero e Políticas Públicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS,2004.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Aproximações ao Enigma – O que quer dizer desenvolvimento local*. São Paulo: Polis Programa Gestão Pública, 1994.
- ORTNER, S.H. *Olhares Feministas*. Brasília: Edições MEC UNESCO, 2009.
- PERROT, Michele. *As mulheres e os silêncios da história*. Bauru-SP: EdUSC, 2005.
- PINTO, Virgilio Noya. *Comunicação e Cultura Brasileira*. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

- PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de Documentário- da pré produção à pós produção*. . Campinas-SP: Papirus Editora, 2009.
- QUINAMO, Tarcisio. *Ambiente e Pesca Tradicional-Foco em Itapissuma*. Recife: Cadernos de Estudos Sociais, 2006.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Como fazer pesquisa ação? – Pesquisa e Métodos*. . João Pessoa-PB: PPGE/Ed. Universitária, 2003.
- ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. *A mulher, A Cultura, A sociedade*. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1979.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *TÉCNICA DE REPORTAGEM*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- TAUK SANTOS, Maria Salett. Metodologias em extensão rural: a pesquisa-ação em debate. In: LEITÃO, Maria Rosário de Fátima Andrade. (Org.). *Extensão rural, extensão pesqueira: experiências cruzadas*. Recife: FASA, 2008
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa ação*. São Paulo: Ed. Cortez, 1985.
- TURNER, GRAEME. *Cinema como Prática Social*. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- VIEIRA, Elza; LIMA, Isa. Um novo olhar para a Extensão Pesqueira: gênero na prática organizativa das mulheres marisqueiras. In: *Extensão Pesqueira: desafios contemporâneos*. Org: Prorenda Rural. Recife: Bagaço , 2003.
- WOLLEN, Peter. *Making Time—Considering Time as a Material in Contemporary Video and Film*, Distributed Art Publishers, 2000.
- XAVIER, Ismail. *O Discurso Cinematográfico*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SITES

Fundação Joaquim Nabuco - <http://www.fundaj.gov.br>

Instituto da Pesca - <http://www.pesca.sp.gov.br/default.php>

IBAMA - <http://www.ibama.gov.br>

IBGE – <http://www.ibge.gov.br>

ANEXOS

1. Lista Colônias e Associações de Pescadores – Pernambuco

SIGLA	NOME DA COLÔNIA/ASSOCIAÇÃO	PRESIDENTE(A)	ENDEREÇO	TELEFONES
Z-1	COLÔNIA DOS PESCADORES DO PINA	EDINIZ NUNES FILHO	RUA MARECHAL HERMES, 01 BRASÍLIA TEIMOSA, PINA, RECIFE-PE CEP: 51010-240	33270724 / 34675089 99662393 (EDINIZ) 91533878 (EDIVALDO)
Z-2	COLÔNIA DOS PESCADORES DE PAU AMARELO	ISRAEL LIMA DA SILVA	RUA DOM BOSCO, 307, MIRUEIRA, PAULISTA – PE - CEP: 53405-270	34360043 / 34365010 91316755 96280835 (KELLY) 87378513 (ISRAEL) 34351683/99294266 (TACIANA)
Z-3	COLÔNIA DOS PESCADORES DE PONTAS DE PEDRAS	LOURDINHA	RUA DA IGREJA, S/N, PONTAS DE PEDRAS GOIANA – PE – CEP: 55900-000	88013714 (LOURDINHA)

Z-4	COLÔNIA DOS PESCADORES DE OLINDA	RICARDO ANTONIO DO NASCIMENTO	RUA DO FAROL, 17, CARMO, OLINDA-PE - CEP: 53120-390	34297814 88173845 (MARISE)
Z-5	COLÔNIA DOS PESCADORES DE TAMANDARÉ	JOSÉ AMARO DE LIMA (VEIO)	RUA SÃO JOSÉ, S/N, TAMANDARÉ – PE CEP: 55578-000	(0XX81) 36762468 (ORELHÃO DA COLÔNIA) 91149032 (VÉIO) 99089037 (JOSIAS)
Z-6	COLÔNIA DOS PESCADORES DE BARRA DE SIRINHAÉM	ABELARDO ARMANDO NASCIMENTO	BARRA DE SIRINHAÉM, S/N, SIRINHAÉM-PE CEP: 55580-000	88312743 91250603 91551695 (ABELARDO)
Z-7	COLÔNIA DOS PESCADORES DE RIO FORMOSO	FRANCISCO DE ASSIS SANTANA (CHICO)	RUA SÃO JOSÉ, S/N, PRÉDIO DA SECRETARIA DE AGRICULTURA, RIO FORMOSO – PE CEP: 55570-000	88920750 (CHICO) 96122828 (CÍCERA)
Z-8	COLÔNIA DOS PESCADORES DO CABO	JOSÉ FERNANDES OLIVEIRA	AV. BEIRA MAR, 58, GAIBU, CABO DE SANTO AGOSTINHO – PE CEP: 54500-000	35226452 (COLÔNIA) 34796462 (CAMILO) 35215485/ 96032543 (FERNANDES) (FERNANDES-CASA)35215485 CIDA – 91880477/35181426 (CASA)
Z-9	COLÔNIA DOS PESCADORES DE SÃO JOSÉ DA COROA GRANDE	HELENO CAETANO DA SILVA	PRAÇA CONSTANTINO GOMES, S/N, SÃO JOSÉ DA COROA GRANDE – PE CEP: 55565-000	36882386 / 88583154 (HELENO) 87134452 (PÉU)
SIGLA	NOME DA COLÔNIA/ASSOCIAÇÃO	PRESIDENTE(A)	ENDEREÇO	TELEFONES
Z-10	COLÔNIA DOS PESCADORES DE ITAPISSUMA	MIRIAM MOUSINHO DA PAZ (MIRA)	RUA JOSÉ GONÇALVES, 83, ITAPISSUMA, CENTRO – PE, CEP: 53700-000	35481998 (COLÔNIA) 96444672 (JOANA)
				35444451 (COLÔNIA)

Z-11	COLÔNIA DOS PESCADORES DE ITAMARACÁ	MURILO JOSÉ DE SOUZA	RUA JOSÉ MORAES, 83, PILAR, ITAMARACÁ – PE CEP: 53900-000	94444592 99658519 3544006 (CASA)
Z-12	COLÔNIA DOS PESCADORES DE PORTO DE GALINHAS	AMARO JOAQUIM DE ARAÚJO (BAU)	RUA DA ESPERANÇA, S/N, PORTO DE GALINHAS, IPOJUCA – PE CEP: 55590-000	99094161 (BAU)
Z-13	COLÔNIA DOS PESCADORES DO LAGO DE ITAPARICA Z-13	GENIVAL ARAÚJO SANTOS	AV. OLINDA, S/N, CENTRO, JATOBÁ-PE CEP: 56470-000	(0XX87) 38513351(FONE/FAX DA COLÔNIA)
Z-14	COLÔNIA DOS PESCADORES DO BALDO DO RIO	ANDRÉ NOGUEIRA DE ARAÚJO	RUA BALDO DO RIO, 121, GOIANA – PE - CEP: 55900-000	36263796 (MÃE DE VERA) 87033756 (VERA) 91421906 (ANDRÉ)
Z-15	COLÔNIA DOS PESCADORES DE ATAPUZ	LÚCIA	RUA VILA NOVA, 75, ATAPUZ, GOIANA-PE CEP: 55900-000	36251000 / 96610897 (MANOEL) 91196968 (LÚCIA)
Z-16	COLÔNIA DOS PESCADORES DE IBIMIRIM	JOSÉ VIEIRA FREIRE	AV. MANOEL VICENTE, 324, CENTRO, IBIMIRIM-PE CEP:56580-000	38422054 (MÃE)/ 39326031 38421278 / 38421279 (CÂMARA) CAMARAIBIMIRIM@IG.COM.BR
Z-17	COLÔNIA DOS PESCADORES DE TEJUCUPAPO	ARMANDO FLORO DE SOUZA (FLORO)	SÍTIO IBIAPICU, S/N, TEJUCUPAPO GOIANA-PE – CEP: 55.900-000	92126853 / 91353221(FLORO) 91128050 (ZEZA)
Z-18	COLÔNIA DOS PESCADORES DE LAGOA DO CARRO	EDNALDO HERCULANO DA SILVA	BARRAGEM DO CARPINA, S/N, LAGOA DO CARRO-PE – CEP: 55820-000	91380794 (EDNALDO) 92134789
Z-19	COLÔNIA DOS PESCADORES DE SANTA MARIA DA BOA VISTA	ALBERTO CARIRI DA CRUZ (CARIRI)	RUA JUDITE GOMES DE BARROS, 105, AGROVILA, SANTA MARIA DA BOA VISTA – PE – CEP: 56380-	(0XX87) 38692243 (CASA) (0XX87) 99278990 (CARIRI)

			000	
Z-20	COLÔNIA DOS PESCADORES DE IGARASSU	WANDERLEY FERREIRA ALVES	RUA JOÃO ALFREDO, 158, NOVA CRUZ I, CEP: 53660-000	99820470 / 35439144 (WANDERLEY) 87322673 (CARLINHOS) 35439193/92167723 (AMARO)
SIGLA	NOME DA COLÔNIA/ASSOCIAÇÃO	PRESIDENTE(A)	ENDEREÇO	TELEFONES
Z-21	COLÔNIA DOS PESCADORES DE PEDRINHAS	PEDRO OLIVEIRA CUNHA	RUA PRINCIPAL, S/N, PEDRINHAS PETROLINA – PE CEP: 56300-000	(0XX87) 38610833
Z-22	COLÔNIA DOS PESCADORES DE SERRA TALHADA	JOSÉ NETO	FAZENDA SACO, S/N, SERRA TALHADA-PE – CEP: 56900-000	(0XX87) 38612004 (0XX87) 99380645
Z-23	COLÔNIA DOS PESCADORES JOSÉ ALEXANDRE DE MELO	PEDRO JOÃO DE SOUZA	RUA JOSÉ BENEDITO DA SILVA, 315, QUADRA CS, PETROLÂNDIA – PE CEP: 56460-000	(0XX87) 38511156 (0XX87) 38512742 (0XX87) 96176694
Z-24	COLÔNIA DOS PESCADORES DE VENTUROSA	JOSÉ DIAS CAVALCANTI (ZÉ PÃO)	RUA OZILDO LOPES, 49, CENTRO, VENTUROSA-PE CEP: 55.270-000	(0XX87) 38101012 91345761
Z-25	COLÔNIA DOS PESCADORES DE JABOATÃO DOS GUARARAPES	TARCÍSIO ÁLVARES CARNEIRO DA CUNHA	RUA ANTÔNIO FERREIRA CAMPOS, 4321, PIEIDADE, JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE CEP: 54410-031	34743028 99418334 (TARCÍSIO) 91317803 (TARCÍSIO)
Z-26	COLÔNIA DOS PESCADORES DE ITACURUBA	ALEXANDRE ALBERTO DA SILVA	RUA REGINALDO FEITOSA DE SÁ, S/N, CENTRO, ITACURUBA-PE CEP: 56430-000	(0XX87) 38931217 (0XX87) 91032117 (0XX87) 38931221 (0XX87) 38931142
Z-27	COLONIA DOS	JOÃO DA CRUZ	PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM DO SÃO	99585428 (BRUNO PANTOJA)

	PESCADORES DE BELÉM DO SÃO FRANCISCO	ROSA	FRANCISCO AV. CORONEL CARIBÉ, 266, CENTRO CEP: 56440-000	38761190 (WILMA PREFEITURA – TEL/FAX)
Z-28	COLÔNIA DOS PESCADORES DE BELO JARDIM	EVANDO JOÃO BEZERRA	RUA SEVERINO RAMOS CHAVES, 36, 1º ANDAR – PONTE NOVA BELO JARDIM – PE CEP: 55.510-000	(0XX81) 37268711 R. 234 E 216 96077724 (EVANDO) 88071810 (CLEIDE)
Z-29	COLÔNIA DOS PESCADORES DE FLORESTA			
Z-30	COLÔNIA DOS PESCADORES DE PEDRA	MANOEL DE SOUZA FERRAZ (MANÉ DO PEIXE)	RUA ELVIRA VALE DE OLIVEIRA, 560, CENTRO, PEDRA- PE CEP: 55280-000	(0XX87) 38581702
Z-31	COLÔNIA DOS PESCADORES DA BARRAGEM DO CHAPÉU	JOSÉ MANSINHO DOS SANTOS	SÍTIO PAVÃO, S/N, ZONA RURAL, SERRITA-PE, CEP: 56140-000	(0XX87) 38712630 (0XX87) 38821209 (0XX87) 99956944 (ENILDO) (87)96092149/(81)96253356 (LUZETE)

2 – Edital Capes (versão editada)

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes

Diretoria de Programas e Bolsas no País – DPBP
Coordenação Geral de Programas Estratégicos - CGPE

Coordenação de Programas Especiais - CPE

Instruções para Apresentação de Projetos de Bolsas de Mestrado

EDITAL Enfrentamento da Violência contra as Mulheres 003/ 2008

A **Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES**, em parceria com a **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**, torna público que receberá das Instituições de Ensino Superior – IES e demais instituições enquadráveis nos termos deste Edital, até as 24 horas do dia **15/08/2008**, projetos de pesquisa em nível de Mestrado no País, nas diversas áreas de conhecimento envolvendo os estudos de gênero, mulheres e feminismos no que se refere ao enfrentamento da violência contra as mulheres, com vistas ao estabelecimento de convênio de fomento no âmbito do **Programa Mulheres em Ciências de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica**, observadas as disposições constantes do Programa Nacional de Apoio ao Ensino e à Pesquisa em Áreas Estratégicas – PRONAP, do presente Edital e a legislação aplicável à matéria. O envio da proposta deverá ser feito via correio, para o endereço: CAPES/Coordenação de Programas Especiais, Ministério da Educação, Anexo II, sala 204, caixa postal 365, CEP 70359-970, Brasília-DF.

1. OBJETIVO GERAL

O **Programa Mulheres em Ciências de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica** tem como um de seus objetivos estimular no País a produção de pesquisas científicas e tecnológicas e a formação de recursos humanos pós-graduados, que incorporem as dimensões de gênero e o acúmulo dos estudos feministas no enfrentamento à violência contra as mulheres em todas as áreas do conhecimento relacionadas, contribuindo, assim, para desenvolver e inserir no pensamento brasileiro tais perspectivas de análises.

2. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos neste documento, o Programa financiará 11 projetos de pesquisa em nível de Mestrado no país que tenham como foco a formação/qualificação de pessoas e a produção de conhecimento científico e tecnológico envolvendo os estudos de gênero, mulheres e feminismos no

que se refere ao enfrentamento da violência contra as mulheres, prioritariamente nas áreas temáticas que se seguem.

2.1. Áreas Temáticas Contempladas

Tendo presente a diversidade de áreas e temas de estudo aplicáveis ao **Edital sobre o Enfrentamento da Violência contra as mulheres** será conferida prioridade às seguintes áreas temáticas:

- Estudos sobre propostas e ações de enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres a partir de uma visão integral deste fenômeno, conferindo atenção especial às mulheres rurais, negras e indígenas, em função da situação de dupla ou tripla discriminação a que estão submetidas e em virtude de sua maior vulnerabilidade social.

- Investigação de situações e mecanismos relacionados à garantia da proteção dos direitos das mulheres em situação de violência - física, doméstica, moral, sexual, patrimonial, psicológica, institucional, e aquelas submetidas ao trabalho escravo, à exploração sexual comercial, ao turismo sexual e ao tráfico nacional e internacional de pessoas - considerando as questões raciais, étnicas, geracionais, de orientação sexual, de deficiência e de inserção social, econômica e regional.

- Investigação sobre as redes de atendimento e proteção da mulher (Segurança, Saúde, Assistência Social, Justiça e Educação) e sobre as atividades de re-socialização das mulheres vítimas de violência através da cultura em suas diversas linguagens artísticas (teatro, música, cineclubes, dança, leitura e literatura, artes visuais).

3 - Roteiros dos Vídeos

Mulher além da Maré : JOANA

TEXTO	IMAGEM
<p data-bbox="264 633 778 701">UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO -UFRPE</p> <p data-bbox="226 801 815 909">PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃOEM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX</p> <p data-bbox="229 1010 812 1077">Programa de Pós Graduação em Serviço Social – UFPE</p> <p data-bbox="360 1115 683 1149">Projeto Casadinho – CNPq</p> <p data-bbox="448 1245 592 1279">Apresentam</p> <p data-bbox="392 1375 651 1408">Mulher além da Maré</p> <p data-bbox="488 1505 555 1538">Joana</p> <p data-bbox="226 1962 616 1995">COLÔNIA Z-10, ITAPISSUMA</p>	<p data-bbox="1075 506 1198 539">IMAGEM</p> <p data-bbox="1098 898 1177 931">FADE</p> <p data-bbox="1098 1420 1177 1453">FADE</p> <p data-bbox="842 1550 1225 1583">JOANA FALA QUE É CHATA</p> <p data-bbox="842 1615 1382 1682">IMAGENS PLACA ITAPISSUMA, CARRO NA PONTE, GENTE,PLACA SIRI</p> <p data-bbox="842 1713 1294 1747">JOANA FILMANDO NA COLÔNIA</p> <p data-bbox="842 1778 1326 1845">JOANA CHEGANDO EM CASA E NA COLÔNIA</p> <p data-bbox="842 1951 1114 1984">REUNIAO COLONIA</p> <p data-bbox="842 2016 1337 2049">JOANA FALA QUE É DO CONSELHO</p>

<p>CRÉDITO : 5h em Itapissuma...</p> <p>CRÉDITO : Joana foi casada três vezes e teve três filhos</p> <p>CRÉDITO : Joana Mousinho é pescadora de siri</p> <p>Nasceu em 19 fevereiro 1956</p> <p>Já sofreu violência física</p> <p>Em dezembro de 2009 foi eleita, mais uma vez, presidente da colônia Z-10, em Pernambuco</p>	<p>DELIBERATIVO,IMAGENS CONGRESSO</p> <p>EM CASA JOANA MOSTRA SUAS COISAS, APRESENTA CASA</p> <p>FOTOS ANTIGAS</p> <p>FALA QUE JÁ SOFREU E SE DIVERTIU MUITO</p> <p>NA BEIRA DO CANAL JOANA FALA SOBRE CINEMA, OS FILMES QUE GOSTA</p> <p>(CENAS FILMES)</p> <p>JOANA FALA QUE NÃO TEM PEIXE EM CASA, QUE SAIU P PESCAR NA QUARTA</p> <p>JOANA INDO P MARÉ (DVD2)</p> <p>JOANA FALA QUE JÁ BRIGOU MUITO</p> <p>(CONTA O CASO DO OVO)</p> <p>FALA SOBRE PROMOTORAS LEGAIS</p> <p>JOANA INDO PARA A BAITEIRA NOVA</p> <p>IMAGENS CONSTRUÇÃO BAITEIRA</p> <p>ELA NA BAITEIRA</p> <p>JOANA FALA QUE TEM UM PROBLEMA, NÃO SABE NADAR</p> <p>JOANA MANDA RECADO PARA AS MULHERES</p>
--	--

IMAGENS JOANA NA MARÉ FALANDO
SOBRE FUTURO

FADE

Roteiro & Direção

Silvana Marpoara

Produção

Ana Cristina Almeida

Gilmar Furtado

Captação de Imagens

Antonio Silva

Joana Mousinho

Bernardo Queiroz

Silvana Marpoara

Edição de Imagens

Bernardo Queiroz

Este vídeo integra a pesquisa de mestrado sobre as diversas violências praticadas contra as mulheres da pesca desenvolvida pela aluna Silvana Marpoara e orientada pela Profa. Dra. Maria do Rosário Andrade Leitão. (Posmex-UFRPE)

Agradecimentos

Edital Enfrentamento da Violência contra as Mulheres – 003/2008, aprovado pela Capes.

Programa Promotoras Legais Populares

Colônia de Pescadores Z-10, Itapissuma-PE

Prof. Ângelo Brás Fernandes Callou

Profa. Maria do Rosário Andrade Leitão

Prof. Paulo de Jesus

Profa. Salett Tauk Santos

Turma Posmex 2008

Joana Mousinho

Afonso, Áime e Afonso Filho

Bernardo Queiroz

Amigos, familiares e todos que acompanharam e torceram por essa pesquisa.

Recife – PE – Brasil

2010

marpoara@hotmail.com

Mulher além da Maré : MARIA

TEXTO	IMAGEM
<p data-bbox="264 622 778 689">UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO -UFRPE</p> <p data-bbox="228 790 815 898">PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃOEM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX</p> <p data-bbox="233 999 810 1066">Programa de Pós Graduação em Serviço Social – UFPE</p> <p data-bbox="363 1104 679 1137">Projeto Casadinho –CNPq</p> <p data-bbox="448 1234 592 1267">Apresentam</p> <p data-bbox="392 1364 651 1397">Mulher além da Maré</p> <p data-bbox="485 1431 560 1464">Maria</p>	<p data-bbox="1098 887 1177 920">FADE</p> <p data-bbox="842 1536 1374 1644">IMAGENS ESTRADA ACESSO ITAPUSSUMA,PLACA E CAMINHO ATÉ CHEGAR EM MARIA</p> <p data-bbox="842 1677 1422 1749">MARIA SE APRESENTA, DIZ QUE É PESCADORA E QUE VENDE COSMETICO...</p> <p data-bbox="842 1783 1369 1854">MARIA FILMA A CASA MOSTRA SUAS COISAS.</p> <p data-bbox="842 1888 1331 1960">ELA FALA DA DISCONFIANÇA DOS HOMENS.</p> <p data-bbox="842 1993 1385 2027">IMAGENS DELA ARRUMANDO A CASA,</p>

<p>CRÉDITO: Maria é mãe de Andrielly e Arthur</p>	<p>VARRENDO...</p> <p>ALMOCO COM FILHOS, DEPOIS ELA COME SOZINHA...</p> <p>FALA DO DIA A DIA E OS FILHOS BRIGAM</p> <p>MARIA FALA COMO É DIFÍCIL SER MÃE SOLTEIRA</p>
<p>CRÉDITO: mês de janeiro, em Itapissuma</p>	<p>ELA FALA DOS FILHOS...</p> <p>IMAGENS BUSCADA... GENTE, BARCOS CHEGANDO, MUSICA DE FUNDO...</p> <p>MARIA FALA DA BUSCADA</p> <p>IMAGENS DO SANTO, DA ROMARIA E O FILHO DE MARIA QUE É COROINHA</p> <p>ELA FALA QUE FEZ CONTABILIDADE, MAS NÃO ERA O QUE QUERIA</p> <p>FOTOS DA FORMATURA</p> <p>MARIA FALA QUE QUEM PESCA NÃO TEM RENDA CERTA</p>
<p>CRÉDITO: PROFA. DR.MARIA DO ROSARIO ANDRADE LEITAO</p>	<p>IMAGENS EVENTO 30ANOS CARTEIRA PESCA, NA UFRPE</p> <p>MARIA FALA SOBRE PESCA E PESCADOR NO EVENTO DA CARTEIRA.</p> <p>MARIA FALA DAS PROMOTORAS LEGAIS,</p>

<p>OFF – O QUE EU QUERO DA MINHA VIDA ???</p> <p>CRÉDITO : Maria José Ferreira é pescadora de ostra</p> <p>Nasceu em 29 novembro 1976</p> <p>Tem sofrido com a violência de Saúde</p> <p>Maria sonha em fazer Faculdade de Psicologia</p> <p>Roteiro, Produção & Direção</p> <p>Silvana Marpoara</p> <p>Captação de Imagens</p>	<p>O CURSO, O QUE FIZERAM.</p> <p>MARIA NA MARÉ MOSTRA A OSTRAS, COMO SE PESCA SURURU...</p> <p>IMAGENS DO CAIS...</p> <p>MARIA FALA DAS VARIZES, MOSTRA O PÉ , DIZ QUE INCOMODA, ARDE...QUE TEM VERGONHA...</p> <p>ELA FALA DA IMPORTÂNCIA DA CARTEIRA E AS CONDIÇÕES DE SAÚDE</p> <p>O QUE VOCÊ ACHA DESSE NEGÓCIO DE FILMAR SUA CASA, SUA VIDA...</p> <p>MARIA ARRUMA CABELO, SE PINTA</p> <p>MARIA SAI DE CASA COM OS FILHOS</p> <p>MARIA E OS FILHOS CHEGAM AO CINEMA</p> <p>MARIA E OS FILHOS NA SALA DE CINEMA (DANDO TCHAU), IMAGENS DO FILME</p>
---	---

Bernardo Queiroz

Maria José Ferreira

Andrielly e Arthur Ferreira

Silvana Marpoara

Edição de Imagens

Bernardo Queiroz

Este vídeo integra a pesquisa de mestrado sobre as diversas violências praticadas contra as mulheres da pesca desenvolvida pela aluna Silvana Marpoara e orientada pela Profa. Dra. Maria do Rosário Andrade Leitão. (Posmex-UFRPE)

Agradecimentos

Edital Enfrentamento da Violência contra as Mulheres – 003/2008, aprovado pela Capes.

Programa Promotoras Legais Populares

Colônia de Pescadores Z-10, Itapissuma-PE

UCI Cinemas

Prof. Paulo de Jesus

Profa. Salett Tauk

Prof. Ângelo Brás

Profa. Maria do Rosário Andrade Leitão

Turma Posmex 2008

Maria, Andrielly e Arthur

Afonso, Áime e Afonso Filho

Bernardo Queiroz

Amigos, familiares e todos que acompanharam e torceram por esta pesquisa.

Recife – PE – Brasil

2010

marpoara@hotmail.com

Mulher além da Maré : CÍCERA

TEXTO	IMAGEM
<p data-bbox="264 622 778 689">UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO -UFRPE</p> <p data-bbox="228 790 815 898">PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX</p> <p data-bbox="233 999 810 1066">Programa de Pós Graduação em Serviço Social – UFPE</p> <p data-bbox="363 1104 679 1137">Projeto Casadinho –CNPq</p> <p data-bbox="448 1234 592 1267">Apresentam</p> <p data-bbox="392 1364 651 1397">Mulher além da Maré</p> <p data-bbox="480 1431 560 1464">Cícera</p>	<p data-bbox="1098 1014 1177 1048">FADE</p> <p data-bbox="842 1536 1337 1603">IMAGENS CANAL SANTA CRUZ,CHEGANDO EM ITAPISSUMA</p> <p data-bbox="842 1704 1406 1771">CICERA SE APRESENTA E NOS CONVIDA PARA PESCAR</p> <p data-bbox="842 1872 1305 1906">CICERA APRESENTA O MARIDO...</p> <p data-bbox="842 2007 1369 2040">CICERA FALA QUE NÃO TEM ESTUDO</p>

<p>CRÉDITO: FEIRA DO PEIXE, ABREU E LIMA - PE</p> <p>CRÉDITO : Cícera é pescadora de peixe</p> <p>Nasceu em 20 de maio de 1965</p> <p>Tem sofrido com a violência da invisibilidade</p>	<p>QUE APRENDEU A ESCREVER O NOME COM OS FILHOS</p> <p>CONTA CASO ÔNIBUS, JÁ QUE NÃO SABE LER PLACA</p> <p>IMAGEM CÍCERA NO BARCO, OUVINDO MÚSICA</p> <p>ARRUMANDO A REDE, BATENDO NA ÁGUA, PUXANDO REDE...</p> <p>CÍCERA PEGA A CÂMERA E MOSTRA SEU LOCAL DE TRABALHO</p> <p>CÍCERA TRATA O PEIXE NO BARCO... DEPOIS NA BANCA DA FEIRA</p> <p>CÍCERA ANDA DE BICICLETA, CHEGA EM CASA, CONVERSA COM CACHORRO</p> <p>ELA CONTA CASO CREDIÁRIO, QUE A MARÉ NÃO DÁ ATESTADO...</p> <p>CÍCERA E MARIDO NO SOFÁ, ELA DIZ QUE GOSTA DE NOVELA E NÃO GOSTA DE FILME PORQUE DEMORA MAIS DE 2h</p> <p>CÍCERA E FAMÍLIA DÃO TCHAU DO PORTÃO...</p>
---	---

<p>social</p> <p>Cícera pretende continuar pescando...</p> <p>Roteiro, Produção & Direção</p> <p>Silvana Marpoara</p> <p>Captação de Imagens</p> <p>Ana Cristina Almeida</p> <p>Cícera</p> <p>Silvana Marpoara</p> <p>Edição de Imagens</p> <p>Bernardo Queiroz</p> <p>Este vídeo integra a pesquisa de mestrado sobre as diversas violências praticadas contra as mulheres da pesca desenvolvida pela aluna Silvana Marpoara e orientada pela Profa. Dra. Maria do Rosário Andrade Leitão. (Posmex-UFRPE)</p> <p>Agradecimentos</p> <p>Edital Enfrentamento da Violência contra as Mulheres – 003/2008, aprovado pela Capes.</p> <p>Programa Promotoras Legais Populares</p> <p>Colônia de Pescadores Z-10, Itapissuma-PE</p> <p>Prof. Paulo de Jesus</p>	<p>CÍCERA DIZ QUE SUA PROFISSÃO É PESCADEIRA</p>
--	--

Profa. Salett Tauk

Prof. Ângelo Brás

Profa. Maria do Rosário Andrade Leitão

Turma Posmex 2008

Cícera, Ramos e família

Afonso, Áime e Afonso Filho

Bernardo Queiroz

Amigos, familiares e todos que acompanharam e torceram por essa pesquisa.

Recife – PE – Brasil

2010

marpoara@hotmail.com

4 - Questionário Programa Promotoras Legais

5 - Desenhos e Bilhetes Pescadoras (Produzidos durante as oficinas de audiovisual)

6 - Autorizações de Imagens (Joana, Maria e Cícera)

7 - Matérias Publicadas nos jornais locais (sobre mulheres, violência e buscada São Gonçalo)

8 - Créditos

Mulher além da Maré

Um diálogo cinematográfico entre violência e desenvolvimento local vivenciado por pescadoras artesanais do município de Itapissuma (PE)

Autora:

Silvana Marpoara

Orientação:

Profa. Dra. Maria do Rosário Andrade Leitão

Edital Enfrentamento da Violência contra as Mulheres – 003/2008, aprovado pela Capes.

Recife – Pernambuco

Março 2010